A Interpolação da Perícope da Adúltera nos Evangelhos

Octavio da Cunha Botelho

Fevereiro/2025

RESUMO

Este estudo informa e analisa as evidências que comprovam o fato da interpolação da Perícope da Adúltera nos Evangelhos, sobretudo em João 7.53-8.11, por escribas anônimos, com base na Ciência da Crítica Textual. De modo que é uma seleção das evidências mais convincentes, até agora encontradas, com base nas evidências externas e nas evidências internas nos manuscritos que a incluem e nos que a excluem, principalmente nos mais antigos. Sendo assim, a imensa quantidade de teorias especulativas, as quais representam a maioria na literatura sobre o assunto, para explicar o fato da exclusão e da inclusão é deixada de lado, deixando para o leitor a opção de conhecê-las através dos estudos citados e dos constantes na bibliografia.

PALAVRAS-CHAVE: Perícope da Adúltera, interpolação, Crítica Textual, variantes textuais

ABSTRACT

This study reports and analyses the evidence that proves the fact that the Pericope of the Adulteress was interpolated in the Gospels, especially in John 7:53-8:11, by anonymous scribes, based on the Science of Textual Criticism. Thus, it is a selection of the most convincing evidence found so far, based on external evidence and internal evidence in the manuscripts that include it and those that exclude it, especially the oldest ones. Thus, the immense amount of speculative theories, which represent the majority in the literature on the subject, to explain the fact of exclusion or inclusion is left apart, leaving the reader with the option of learning about them through the studies cited and those contained in the bibliography.

KEYWORDS: Pericope of the Adulteress, interpolation, Textual Criticism, textual variants

ÍNDICE

1.Introdução

Aqueles, com as idades mais avançadas, talvez tenham, na infância, se divertido com uma brincadeira conhecida por “telefone sem fio”, portanto em uma época quando todos os telefones se comunicavam entre si através de fios. A brincadeira consistia de um grupo de crianças se perfilarem, para então uma delas, em uma extremidade da formação, pronunciar uma frase no ouvido da criança ao lado, para que esta última transmita, a mesma frase ouvida, para a criança ao seu lado, e assim por diante, até a frase alcançar a última criança perfilada na outra extremidade da disposição. Então, a criança, na outra extremidade da formação, pronuncia, em voz alta, a fase que ouviu, para que então todos confiram o tanto que a frase alterou até chegar na criança da outra extremidade da disposição. Em muitas raras vezes a frase alcançava a outra extremidade sem alterações, às vezes até irreconhecível diante da frase inicial.

No passado, antes da invenção da reprodução gráfica, reservando as devidas proporções e desconsiderando o caráter lúdico do exemplo acima, o processo de reprodução manuscrita de textos antigos teve uma experiência quase semelhante à brincadeira mencionada acima. Quanto mais se transmitia, mais se alterava, ou quanto mais se copiava, mais se corrompia, uma vez que a reprodução manuscrita nem sempre era fidedigna, pois a infidelidade textual acontecia através da alteração involuntária ou da alteração intencional, tal como veremos alguns exemplos adiante.

2. A Crítica Textual

Ela é uma ciência que se ocupa com a identificação de variantes textuais, de diferentes recensões ou de distintas versões de textos, quer manuscritos ou impressos. Estes textos podem variar em datas desde os mais antigos escritos em caracteres cuneiformes, impressos em tábuas de argila, até as versões não publicadas de obras de autores do século XXI. No passado, quando ainda não existia a reprodução gráfica de uma obra literária, os escribas, os quais eram encarregados de copiar manualmente documentos, talvez quase todos fossem alfabetizados, mas muitos eram simplesmente copistas, reproduzindo as letras sem sequer compreender os significados das palavras. Sendo assim, alterações involuntárias durante o processo de transcrição aconteciam quando copiadas ortograficamente. Ademais, alterações intencionais ocorreram, por razões políticas, religiosas e de censura.

O objetivo do trabalho do crítico textual é encontrar a melhor compreensão da criação e da transmissão histórica de um texto e de suas variantes. O resultado deste empreendimento poderá ser a criação de uma Edição Critica, chegando a um texto metodicamente cotejado. Portanto, diante de muitas recensões, versões e de variantes textuais, em diferentes manuscritos da mesma obra, e se o crítico textual não possui o texto original (autógrafo), então técnicas de Critica Textual podem ser usadas a fim de reconstruir o texto original na forma mais próxima possível. Em outras palavras, uma edição critica tenta, em primeiro lugar, reconstruir um arquétipo que seja tão próximo ao texto original quanto a evidencia permite e, em segundo lugar, revelar a história textual de sua recepção e de sua transmissão, através da análise das variantes manuscritas. Usualmente, uma edição crítica também envolve a criação de uma árvore

genealógica, disposta em famílias ou linhagens de manuscritos, a qual permite ao editor escolher as redações baseadas, não meramente, em suas próprias preferências, em seu viés ideológico ou em seu engajamento confessional, mas com base em critérios objetivos e imparciais.

Gordon D. Fee explicou assim a importância da Crítica Textual para o intérprete e para o tradutor bíblicos: “A crítica textual, comumente conhecida no passado como “crítica inferior”, em contraste com a tão conhecida “crítica superior” (histórica e literária), é a ciência que compara todos os manuscritos conhecidos de uma determinada obra, em um esforço para traçar a história das variantes dentro do texto, a fim de descobrir sua forma original. A crítica textual é, portanto, de significado especial par o intérprete bíblico em pelo menos três modos:

1) Ela tenta determinar as palavras autênticas de um autor. A primeira pergunta que um intérprete pergunta é ‘o que o texto diz?’, antes de perguntar, ‘o que o texto significa?’[1]

2) a maioria dos cristãos tem acesso ao Novo Testamento apenas em traduções, e a condição básica na escolha de uma tradução é a sua exatidão em reproduzir o texto original do autor. Antes de decidir o que qualquer das palavras significam, o primeiro cuidado do tradutor deve ser que ele ou ela está traduzindo as próprias palavras que o autor escreveu.

3) Um conhecimento da história da variação textual também ajudará o intérprete a ver como a passagem foi compreendida durante a história inicial da Igreja. Em muitos casos, as variantes textuais são um reflexo dos

---

[1] Ou seja, é preciso saber primeiro exatamente o que o autor disse para, então, em seguida, encontrar o significado do que ele disse.

interesses teológicos da igreja e do escriba e, algumas vezes, tais mudanças colocam alguém em contato com a exegese histórica”[2] (FEE, 2000: 03).

3. A Transmissão Textual na Antiguidade

Entretanto, o problema com os textos mais antigos é que muitos foram transmitidos oralmente, durante séculos, antes de serem transcritos para a forma escrita, com isso resultando em diferentes versões ou recensões de uma mesma obra, assim sofrendo muitas alterações e omissões durante o período de transmissão oral. Pois, só é possível identificar as alterações textuais a partir do registro escrito dos textos anteriormente transmitidos oralmente. Esta ocorrência é muito comum nos mais antigos textos do Hinduísmo, os Vedas (Sanhitās, Brāhmanas, Āranyakas e Upanixades). Pois, antes da criação da lei de direitos autorias, não eram os autores da obra que possuíam o direto sobre as obras de sua autoria, mas sim aqueles que as transmitiam, quer sejam os recitadores ou as tradições religiosas transmissoras. Em outras palavras, os transmissores dos textos se julgavam os donos da obra, consequentemente efetuaram as alterações e as omissões desejadas. Também, no passado, era comum um autor atribuir a autoria da sua obra para outro autor mais prestigiado ou mais famoso, a fim de obter mais prestigio ou mais autoridade, esta prática se chama pseudoepigrafia (grego: ψευδεπιγραφία), foi muito

---

[2] Ou seja, fazer com que o intérprete ou o tradutor reconheça as diferenças de interpretação da Bíblia ao longo da história. Por exemplo, é possível encontrar termos utilizados nas atuais traduções bíblicas com significados que não correspondem exatamente aos significados no tempo da composição dos livros bíblicos, bem como nas primeiras cópias manuscritas.

frequente no Hinduísmo, sobretudo nas obras mais antigas, chegando ao ponto dos autores atribuírem autoria aos deuses.

Quanto à transmissão oral no período védico do Hinduísmo "não é possível saber com precisão o grau de fidelidade ou de alteração na transmissão oral deste período. O que é possível saber são apenas os vestígios sobreviventes nos manuscritos, após a passagem destes textos para a forma escrita. Ou seja, a quantidade de diferenças textuais e redacionais, quando comparadas as recensões de um mesmo o texto, nos indica que, no momento da transcrição escrita, os textos já se diferenciavam em razão das alterações ou omissões ocorridas durante o longo período de transmissão oral, sobretudo quando comparamos o mesmo texto transmitido em diferentes regiões e em distintas épocas. As diferenças podem ser na extensão do texto, no arranjo dos capítulos, na ordem dos parágrafos ou dos versos, na redação, na eufonia, no metro, na maior ou menor presença de arcaísmos e no estilo linguístico. Estas grandes quantidades de diferenças textuais exigem a prévia comparação de muitos manuscritos de uma mesma obra, a fim de encontrar o texto mais próximo do original, obviamente quando não temos o manuscrito autógrafo, para se chegar à edição crítica. Este trabalho é conhecido por Crítica Textual. Porém, são poucas as obras do Hinduísmo que foram publicadas mediante este prévio processo de preparação crítica, através da comparação do maior número possível de manuscritos antes da edição. Na maioria das vezes, a obra é publicada a partir do uso apenas de um só manuscrito ou de poucos manuscritos. Então, quando este amplo trabalho de comparação de muitos manuscritos é feito, antes da publicação da edição crítica, muitas surpresas emergem à tona, pois se descobre que muitas edições anteriores

não correspondem à versão mais próxima do provável texto original, ou que esta versão é a mais alterada entre os manuscritos comparados”.

Um exemplo muito flagrante no Hinduísmo, foi a percepção de como as edições do épico Mahābhārata, anteriores ao monumental trabalho de preparação da Edição Crítica, empreendida por uma equipe de mais de vinte pesquisadores, liderada por V. S. Sukthankar (1887-1943), “iniciada em 1931 e completada em 1966” (ADLURI and BAGCHEE, 2018: 11), divergiam da então concluída Edição Crítica, após o cotejo de ampla quantidade de manuscritos deste épico. Outra monumental edição crítica de um texto hindu, que merece nota aqui, foi a do Mānava Dharmasāstra (Código de Leis de Manu), realizada por Patrick Olivelle, publicada em 2005 (Oxford University Press). Para tal edição crítica, ele cotejou, durante o processo de preparação, 53 manuscritos, as citações de 12 autores, o exame de mais 38 manuscritos e uma atenta leitura de 9 comentários, bem como a inclusão de um extenso e detalhado aparato crítico.

“Na Antiguidade Védica, as diferentes recensões dos textos védicos levaram a formação de diversas escolas védicas de transmissão (shākhās). Então, no Mahābhāshya de Patānjali são mencionadas a existência de 1.131 shākhās (escolas védicas) no passado, sendo 21 do Rig Veda, 101 do Yajur Veda, 1.000 do Sāma Veda e 9 do Atharva Veda. Enquanto o Muktika Upanishad (I. 01.07-14) menciona 1.180 escolas (shākhās) da seguinte maneira: “Os Vedas são mencionados como sendo quatro em número, suas escolas (shākhās) são muitas. Assim também os Upanisads. O Rig-veda tem 21 shākhās, o Yajur-veda 109 shākhās, o Sāma Veda 1.000 e o Atharva Veda 50. Em cada shākhā tem um Upanixade. O Caranavyūha, um Parishita do Yajurveda, relaciona cinco escolas

(shākhās) do Rig Veda: Shākala, Bāskala, Āshwalāyana, Shankhāyana e Māndūkāyana. Outras fontes fornecem um número maior de escolas rigvédicas. Existem sete de acordo com o Atharva veda Parishita. Porém, destas escolas (shākhās), apenas 13 Samhitās (coleções de hinos) sobreviveram até os dias de hoje: 03 do Rig Veda (Shākala, Āshwalāyana e Shānkhāyana, esta última também denominada Kaushītaki); 05 do Yajur Veda (04 do Yajur Veda Negro: Kathaka, Kapisthala, Mantrāyaniya e Taittiriya e 01 do Yajur Veda Branco: Vājasaneyi), 03 do Sāma Veda (Ranayaniya, Kauthuma e Jaiminiya) e 02 do Atharva Veda (Shaunaka e Paippalada). A Āshwalāyana Samhitā do Rig Veda possui 209 versos a mais que a recensão Shākala Samhitā do Rig Veda" (BOTELHO, 2022: 14-5).

Uma curiosidade encontrada após o cotejo de muitos manuscritos do Mahābhārata, foi que, embora a tradição hindu mencione que o épico possui 100 mil shlokas (versos duplos), incluindo o épico e o Harivamsa, nenhum manuscrito foi encontrado com tal quantidade de versos. Os manuscritos cotejados com a maior quantidade de versos possuem 95.824 versos (manuscritos em Folha de Palmeira क, ख e ग). As conhecidas edições impressas, anteriores à Edição Crítica, possuem os seguintes números de versos: a edição de Bombay 84.829 versos; as edições de Calcutá, Telugu e Kumbhakonam 84.836 versos cada uma. A Edição Crítica reduziu o número de versos para 73.640, com mais 6.073 do Harivamsa (o apêndice do Mahābhārata, dos 16.374 da versão tradicional), somando então 79.713 versos e mais 297 trechos em prosa, após a eliminação dos versos e dos trechos em prosa considerados interpolações (ADLURI and BAGCHEE, 2018: 359).

4. As Origens da Crítica Textual

Esta prática não foi diferente com os mais antigos textos dos gregos. A preocupação surgiu quando se percebeu a grande quantidade de diferenças textuais e redacionais nos então existentes manuscritos dos épicos Ilíada e Odisseia, quando estes foram transcritos para a forma escrita, pois as alterações que aconteceram antes do registro escrito não são possíveis de serem percebidas, pois os textos eram transmitidos apenas oralmente. Então, "porque os recitadores que recitavam trechos da Ilíada e da Odisseia em público ocasionalmente alteravam o texto, a fim de ajustar à ocasião especial ou à própria noção de um arranjo efetivo, então existiram muitas versões em circulação mesmo nos tempos mais antigos. Aí, subsequentemente, surgiram diversas 'versões urbanas...'". Portanto, "em torno de 1990, o número de tradições manuscritas tinha alcançado 703 para a Ilíada e 236 para a Odisseia" (METZGER and EHRMAN, 2005: 197 e 198n2). Os primeiros registros de um trabalho sistemático de cotejo de manuscritos para se encontrar quais passagens poderiam ser mais próximas do original, ou da versão oral antiga, bem como o trabalho de restauração do texto, são encontrados nos documentos gregos da Antiguidade Helenística, particularmente, entre os bibliotecários da então magnífica Biblioteca de Alexandria, cujo acervo reunia cerca de 600 mil obras, um número extraordinário para a época.

Os diretores da Biblioteca se preocuparam e, por conseguinte, se mobilizaram para disponibilizar aos leitores as edições mais exatas dos poemas homéricos. O primeiro, que temos registro, foi Zenódoto de Éfeso (325 – 240 a. e. c.), quem, mesmo antes de 274 a. e. c., realizou uma comparação de muitos manuscritos a fim

de restaurar o texto original da Ilíada e da Odisseia. As correções de Zenódoto dos textos foi feita da seguinte maneira: ele eliminou os versos que ele observou como falsos; ele assinalou outros versos como duvidosos, mas os deixou em sua edição; ele transpôs a ordem dos versos e, finalmente, introduziu novas redações que não eram correntes. Após Zenódoto, o diretor da Biblioteca, Aristófanes de Bizâncio (c 257 – 180 a. e. c.), em sua edição da Ilíada e da Odisseia, empregou uma variedade de símbolos críticos para indicar sua opinião sobre a autenticidade dos trechos do texto então assinalados. Seu aluno e sucessor, Aristarco da Somatrácia (c. 220 – c. 144 a. e. c.), editou obras de meia dúzia de autores gregos e publicou duas edições críticas dos poemas de Homero, suplementando assim o número de símbolos críticos que seu antecessor tinha utilizado. De modo que, existiu uma relativamente bem desenvolvida disciplina acadêmica de crítica literária e textual na Antiguidade, principalmente em Alexandria.

5. O Início da Crítica Textual da Bíblia

O período inicial da transmissão dos textos bíblicos (séculos, I, II, III e IV e. c.) é difícil de reconstruir. Primeiro, em função do fato de que eles foram transmitidos oralmente antes de serem transcritos para a forma escrita, de modo que não sabemos o tanto que foram alterados até o processo de registro escrito e, segundo, os manuscritos autógrafos não sobreviveram, bem como, os primeiros apologistas da Igreja não mencionaram a existência destes manuscritos autógrafos, menos ainda citaram passagens dos mesmos, portanto, o único recurso é confiar nas cópias subsequentes. Muito menos, no Novo Testamento nem um autor dos evangelhos menciona a existência de outro e tampouco alegou que escreveu com base em outro

manuscrito existente na ocasião, nada é mencionado nas epistolas também, então, se eles existiram, desapareceram rapidamente. Leon Vaganay denominou este período de “o período de relativa liberdade” (até 313 e. c.), e o comparou com “um quebra-cabeça que tem a maioria das peças faltando e algumas restantes danificadas” (VAGANAY, 1991: 89). Portanto, devemos nos contentar que, o que temos hoje é apenas um esboço do que pode ter sido as composições originais, sendo assim, em alguns casos, apenas uma conjectura do que foram os primeiros manuscritos ou os textos transmitidos oralmente antes da transcrição manuscrita.

Ademais, não apenas na transcrição dos textos bíblicos, mas também foi fato com muitas outras cópias manuscritas de quase todas as tradições, não são todos os casos, mas com frequência as primeiras composições eram gramaticalmente imperfeitas e retoricamente toscas, de modo que elas foram subsequentemente corrigidas e refinadas na linguagem pelos copistas posteriores, de maneira que não é possível saber o grau de defeitos ortográficos e gramaticais, bem como a rudeza da linguagem dos autógrafos e das primeiras cópias, em comparação com o refinado e elegante texto bíblico que temos hoje. Estas diferenças podem ser percebidas claramente quando comparamos a linguagem rudimentar dos Evangelhos Apócrifos com a linguagem refinada dos Evangelhos Canônicos, uma vez que estes últimos passaram por um longo processo de refinamento nas mãos de copistas antigos e medievais, mais instruídos do que os primeiros copistas, nos séculos subsequentes. Pois, é difícil acreditar que pescadores, coletor de impostos e analfabetos dialogassem com aquele grau de correção gramatical e de elegância linguística, tal como encontramos hoje nas refinadas traduções para as línguas contemporâneas. No caso dos textos do Novo Testamento, esta

possibilidade particularmente é muito evidente, pelo fato de que sabemos que muitos dos primeiros cristãos eram seguidores precariamente instruídos, bem como, também eram pobres, com isso a razão para os tão poucos manuscritos na fase inicial do Cristianismo. Pois, o processo para produzir um manuscrito na Antiguidade, quer de papiro ou de pergaminho, era dispendioso. Ademais, não era incomum na Antiguidades os manuscritos serem destruídos em pouco tempo, uma vez que eram feitos com frágeis papiros e com deteriorantes pergaminhos, cuja resistência ao tempo e aos sucessivos manuseios era insuficiente para manter o material por longo tempo. Outro motivo para o rápido desaparecimento dos manuscritos autógrafos, muito provavelmente, foi a perseguição, através dos editos imperiais, ordenando a destruição de todas as cópias dos textos sagrados dos cristãos, nos primeiros anos do Cristianismo. Pois, ainda não se conhecia as cuidadosas técnicas modernas de conservação de materiais arqueológicos, tal como as utilizadas nos dias de hoje nas bibliotecas e nos museus.

As alterações textuais nos Evangelhos foram percebidas desde cedo, tanto dentro como fora da Igreja. Percebendo as divergências textuais no Novo Testamento, o pensador grego Celso (século II e. c.) observou que alguns “crentes cristãos, tal como que em um surto de embriagues, chegaram ao ponto de alterarem o texto original do evangelho três, quatro ou diversas vezes; eles alteraram o seu conteúdo a fim de capacitá-los a negar as dificuldades diante das críticas” (*Origen, Contra Celsum*, vol. II.27).

Quando penetramos nos documentos cristãos, o registro mais antigo conhecido, sobre a prática da Crítica Textual das escrituras bíblicas, é a reprodução na obra de Eusébio de Cesareia (265 – 330 e. c.) dos trechos de um panfleto por um autor anônimo, repudiando o

trabalho de Teodoro, um erudito comerciante de couro, que veio de Bizâncio para Roma, que foi excomungado pelo Papa Victor I (papado: 187 – 198 e. c.). Neste panfleto, o autor anônimo condena Teodoro e seus seguidores de aplicarem a Crítica Textual à Septuaginta e ao Novo Testamento Grego da seguinte maneira: 'Eles (Teodoro e seus seguidores) não temem lançar mão das divinas escrituras (a fim de efetuarem as correções), alegando que eles tinham as revisado criticamente...' (METZGER and EHRMAN, 2005: 199). Mas, não temos muitas informações sobre esta primeira referência (185 – 250 e. c.), Muito mais relevante do que o trabalho de textual de Teodoro foi aquele empreendido por Orígenes de Alexandria (185 – 250 e. c.), que começou um estudo crítico-textual do Antigo Testamento em hebraico, o qual levou muitos anos de pesquisa, o que resultou na sua edição do Antigo Testamento em seis diferentes versões justapostas, conhecida por Héxapla. Ele compilou as seguintes seis versões:

- Uma versão em hebraico
- A versão Secunda, em hebraico, com transliteração para a escrita grega
- A versão de Áquila de Sinope
- A versão de Símaco, o Ebionita
- Uma versão Septuaginta com interpolações para indicar onde faltava um trecho hebraico e marcados com asteriscos; bem como indicações utilizando sinais críticos onde as palavras, as frases e os trechos mais longos da Septuaginta não reproduziam o original hebraico.
- A versão de Teodócio (para aprofundamento, ver: SWEDE, 1989: 46s).

Acredita-se que a Héxapla tinha 6 mil páginas em 50 volumes, e que só existiu em uma única cópia, a qual se perdeu, o que temos hoje são apenas cópias parciais, fragmentos ou citações de trechos em obras por

autores contemporâneos. Também, que esta obra monumental esteve disponível na famosa biblioteca do presbítero Pônfilo de Cesareia (morto em 309 e. c.), a qual serviu como ferramenta de consulta para muitos estudiosos, até a destruição da biblioteca durante a invasão islâmica no século VII e. c. (METZGER and EHRMAN, 2005: 200).

Quer Orígenes preparou ou não uma edição crítica do Novo Testamento ainda é dúvida entres os pesquisadores, a maior probabilidade é que não. O que nos restou foi a sua preocupação com as diferentes textuais no Evangelhos na sua época, pois ele reclamou que "as diferenças entre os manuscritos (dos Evangelhos) têm se tornado grandes, quer através da negligência de alguns copistas ou através da perversa audácia de outros; eles quer negligenciam conferir o que eles têm transcrito, ou, no processo de checagem, eles aumentam ou diminuem (o texto), tal como eles desejam" (METZGER and EHRMAN, 2005: 200). Ele observou as diferenças redacionais entre manuscritos na passagem Mateus 18.01, cujo começo da primeira frase ἐν ἐκείνῃ τῇ ὥρᾳ (*en ekeine te ora* – naquele momento) aparece em outros manuscritos como ἐν ἐκείνῃ τῇ ημερα (*en ekeine te emera* – naquele dia). Também, em hebreus 2.09, alguns manuscritos redigem χάριτι θεοῦ (*xariti theou* – graça de Deus), em outros χωρίς θεοῦ (*xoris theou* – sem Deus, separado de Deus). A maioria das traduções contemporâneas traduzem por "a graça de Deus" (para mais detalhes, ver: METZGER, 1971: 664 e OMANSON, 2010: 471-2). Ele também apontou a variante em Mateus 26.16-7, onde o nome do ladrão preso junto com Jesus Cristo é mencionado em alguns manuscritos como "Jesus Barrabás" (ἰησοῦν τὸν βαραββᾶν – Iesoun ton Barabban), enquanto em outros manuscritos é mencionado apenas como "Barrabás" (βαραββᾶν – Barabban). Orígenes alegou que preferiu a

redação apenas Barrabás, uma vez que o nome Jesus não deve ser utilizado para mal feitores[3] (para aprofundamento, consultar: METZGER, 1971: 67-8 e OMANSON, 2010: 49-50). Ele também preferiu a redação Bethabara (βηθαβαρα) ou invés de Bethania (βηθανίᾳ) em João 1.28, divergente nos manuscritos (METZGER, 1971: 199-200 e OMANSON, 2010: 166-7). Ele então sugeriu que "talvez todos os manuscritos existente em sua época poderiam ter se tornado corrompidos" (METZGER and EHRMAN, 2005: 201).

Jerônimo (347-420 e. c.), o conhecido tradutor da Bíblia para o Latim, foi mais longe e mais detalhado que Orígenes em sua percepção das variantes textuais nos manuscritos bíblicos. Sua percepção foi tão longe que ele enumerou os casos de erros na transcrição manuscrita do Novo Testamento:

1.Confusão de letras similares
2.Confusão de abreviações
3.Acidentes envolvendo ditografia[4] e haplografia[5]
4.Metátese de letras[6]

---

[3] Bruce M. Metzger foi da opinião que "o texto original de Mateus tinha o duplo nome em ambos os versos (16 e 17), e que ἰησοῦν (Jesus) foi intencionalmente suprimido na maioria dos manuscritos por considerações reverenciais" (METZGER, 1971: 68).

[4] Repetição equivocada de um trecho de manuscrito por erro do copista, cuja repetição poder ser de letra, de sílaba, de palavra ou de frase, o que deveria aparecer apenas uma vez.

[5] Omissão acidental pelo copista de letra, de sílaba, de palavras ou de frase em razão de descuido.

[6] Consiste na troca de posição de fonema ou de sílaba dentro de uma palavra, exemplo: sempre por semper; estuprar por estrupar; depredar por depedrar, víbora por bivora, etc.

5.Assimilação ou harmonização[7]
6.Transposição[8] e
7.Correções intencionais dos escribas

Ao preparar sua tradução latina, ele consultou diversos manuscritos gregos e latinos. Ele apontou que "um extenso acréscimo era encontrado no final do Evangelho Segundo Marcos. Ele não nos informou onde ele encontrou estes manuscritos e nenhuma cópia foi conhecida até o século vinte, quando a passagem apareceu em um manuscrito trazido do Cairo"[9] (METZGER and EHRMAN, 2005: 202). Sobre as versões latinas do Novo Testamento, Metzger e Ehrman observaram: "Por volta do fim do século IV e. c., as limitações e as imperfeições das versões do Antigo Latim (*Vetus Latina*)[10] se tornaram evidentes aos líderes da Igreja Romana. Não foi surpresa que, por volta do ano 382 e. c., o papa Damásio solicitou ao mais capacitado erudito bíblico da época, Sophorius Eusebius Hieronymus, hoje conhecido por Jerônimo, que empreendesse uma revisão da Bíblia Latina. Dentro de aproximadamente um ano, Jerônimo foi capaz de apresentar ao papa Damásio os primeiros frutos do seu trabalho, uma revisão do texto dos quatro evangelhos, onde as variações tinham sido extremas. Em uma carta de apresentação, ele explicou os princípios que ele

---

[7] Mudança intencional introduzida pelo escriba a fim de fazer com que um texto concorde com outra passagem paralela em outro livro.

[8] É a alteração, voluntária ou involuntária, na ordem das letras, das palavras ou das frases em um texto pelo copista.

[9] Esta passagem acrescida se localiza imediatamente após Marcos 16.14, para conhecer a tradução desta passagem interpolada, ver METZGER and EHRMAN, 2005: 81.

[10] Estas são as traduções do Grego para o Latim feitas antes da Vulgata de Jerônimo.

seguiu: ele utilizou um texto latino relativamente bom (talvez o *Codex Veronesis*) como base para sua revisão e o comparou com alguns antigos manuscritos gregos. Ele enfatizou que ele tratou o texto latino da época tão conservadoramente quanto possível e o alterou somente quando o significado estava distorcido" (Idem: 105). Entretanto, não conhecemos exatamente quais foram os manuscritos utilizados por Jerônimo, apenas suposições dos pesquisadores atuais, com base nos manuscritos disponíveis hoje que existiam naquela época.

Dentre os supostos textos latinos utilizados por Jerônimo, o *Codex Veronesis* (Códice de Verona), guardado na biblioteca da catedral de Verona, Itália, um manuscrito latino do século V e. c,, o qual contém os quatro evangelhos quase completos (porém na ordem: Mateus, João, Lucas e Marcos), é sugerido por pesquisadores, apesar da omissão de Jerônimo, como o tipo de texto, talvez uma cópia de um manuscrito anterior, pois é datado como do século V e. c., que ele pode ter utilizado como a base para a preparação da Vulgata (METZGER and EHMAN, 2005: 102).

Mais precisamente, não foram apenas os textos gregos que foram alterados pelos copistas na Antiguidade, as traduções latinas e aquelas primeiras versões para outros idiomas antigos (sírio, copta, armênio, eslavo, etc.) também tiveram o mesmo destino. "Foi inevitável que, na transmissão do texto da revisão de Jerônimo, os escribas corromperam a sua obra original, algumas vezes por descuido e algumas vezes por confrontação deliberada com cópias das versões do Antigo Latim (*Vetus Latina*). A fim de justificar o texto de Jerônimo, um número de recensões e de edições foram produzidas durante a Idade Média (...), contudo, cada um destes esforços de restaurar a versão original de Jerônimo resultou eventualmente em uma ainda maior corrupção textual, através da mistura de diversos tipos

de Vulgatas, que se associavam com vários centros europeus de estudos. Como resultado, mais de oito mil manuscritos da Vulgata, que são existentes hoje, exibem a maior soma de contaminação de tipos textuais" (METZGER and EHRMAN, 2005: 105-6; e para aprofundamento, ver: HOUGHTON, 2016, *passim*).

Agostinho de Hipona (354-430 e. c.) também se preocupou com os problemas textuais. Ele percebeu a falha na citação do profeta Jeremias, no lugar do profeta Zacarias, em Mateus 27.09, cuja passagem atribui a Jeremias uma profecia que, na realidade, foi dita por Zacarias e está reproduzida em Zacarias 11.12-3. Mesmo assim, a maioria dos manuscritos sobreviventes, as edições gregas e as traduções para a línguas contemporâneas atribui equivocadamente a profecia a Jeremias. As traduções mais recentes acrescentam uma nota esclarecendo que alguns manuscritos atribuem esta profecia a Zacarias ou a Isaias (Ex: NRSVUE, 2021; Mateus, 27.09). Roger L. Omanson observou: "O nome Ἰερεμίας (Jeremias) tem a seu favor o testemunho de bons manuscritos de uma variedade de tipos de texto. Entretanto, o fato da passagem citada não se encontrar em Jeremias, mas parece ter sido retirada de Zacarias 11.12-3, explica porque em vários manuscritos foi inserido o nome de Ζαχαρίᾱς (Zacarias), ao passo que outros manuscritos omitem o nome por completo. Dois manuscritos trazem "Isaías", talvez por ele ser o profeta que mais vezes é citado no NT..." (OMANSON, 2010: 49; mais detalhes em: METZGER, 1971: 66-7).

Agostinho também observou que "se os livros do Novo Testamento estão confusos na variedade das traduções latinas, eles devem dar lugar às versões gregas, especialmente àquelas que são encontradas nas igrejas de maior saber e pesquisa" (METZGER and EHRMAN, 2005: 203). Alguns poucos autores na Idade Média também perceberam as falhas nas versões latinas

do NT, sobretudo na versão de Jerônimo (predominante na Idade Média), em uma época quando o grego estava em baixa na Europa Ocidental.

6. A Supremacia do Texto Latino na Idade Média

As traduções do texto grego para o latim do Novo Testamento foram feitas por partes, Muitas passagens, bem como livros inteiros, já tinham sido traduzidos ao latim mesmo antes das famosas versões que serão mencionadas abaixo. Os mais antigos manuscritos do Novo Testamento Latino foram copiados no século IV e. c. Uma prática comum na época foi a tradução bilíngue, às vezes com o grego na coluna esquerda e o latim na coluna direita do folio (folha do manuscrito) ou através da tradução interlinear, ou seja, em uma linha se reproduzia o texto grego e em outra a tradução latina[11] (para aprofundamento, ver: HOUGHTON, 2016: 19s; para conhecer um exemplo de manuscrito com tradução interlinear, ver: METZGER and EHRMAN, 2005: 82).

Durante a Idade Média, quando o interesse pelo estudo do Novo Testamento através dos manuscritos gregos era quase inexistente, a versão oficial da Igreja era a versão latina da Vulgada de Jerônimo. Portanto, os trabalhos de recuperação do texto original era através dos cotejos dos diversos manuscritos latinos da Vulgata e das versões *Vetus Latina* (Velho Latim), a partir de quando se percebeu a grande quantidade de variantes entre os próprios manuscritos latinos cotejados. Diferentes traduções da mesma passagem. Bruce Metzger e Bart D. Ehrman observaram que “em Lucas

[11] Este método ainda é utilizado, porém raramente, em algumas modernas edições bilíngues do Texto do Novo Testamento Grego com a tradução interlinear para um idioma contemporâneo.

24.4-5, existem pelo menos 27 redações diferentes nos antigos manuscritos latinos que sobreviveram, o que gerou a reclamação de Jerônimo ao papa Damásio, de que existiam quase o mesmo tanto de traduções latinas do que de manuscritos gregos" (METZGER and EHRMAN 2005: 101). Portanto, uma proliferação de traduções latinas com redações diferentes. Então, despreocupados com as divergências, tanto entre as próprias traduções latinas, como em confrontação com os manuscritos gregos, a Vulgata era o texto bíblico canônico, portanto reconhecido pela Igreja como o original. De modo que muitos poucos autores apontavam as diferenças textuais, gramaticais e ortográficas entre os manuscritos latinos e os manuscritos gregos. Tal tarefa soava, como heresia, pois duvidar da versão de Jerônimo era provocativo. Mais adiante, todas as primeiras edições impressas da Bíblia, a partir da invenção da impressora de tipos móveis por Gutenberg (meados do século XV e. c.), foram em Latim, com base em manuscritos latinos, sobretudo a Vulgata de Jerônimo que, em virtude do prestígio desta tradução, retardou o interesse pela publicação impressa do Novo Testamento Grego. Outro motivo do atraso, foi a dificuldade na produção de tipos gráficos para as fontes das letras gregas. Kurt e Barbara Aland observaram: "Os teólogos daquela época evidentemente estavam bem satisfeitos com o texto latino do Novo Testamento, e alguém interessado no texto grego tinha que fazer uso de um manuscrito" (ALAND, 1995: 03). Portanto, a invenção da impressão gráfica inaugurou uma nova era, mas não para o Novo Testamento Grego. Este último só foi impresso, pela primeira vez, no início do século XVI e. c., antes desta data, mais de cem edições da Bíblia Latina foram impressas e publicadas (Idem: 03), bem como, a publicação impressa de um número bem maior de traduções para as línguas vernáculas traduzidas das

versões latinas, sobretudo a Vulgata. Diante deste quadro, é possível perceber o prestígio da Bíblia Latina naquela época e o desprezo pelo texto grego.

7. O Método Clássico de Crítica Textual

Então, mais adiante, no período do Renascimento, com a difusão do conhecimento do grego antigo e o gradual enfraquecimento da confiança nas versões latinas, os estudiosos começaram a corrigir a Vulgata Latina através do grego original. Erasmo, um dos primeiros a realizar tal tarefa em maior escala do que antes, com frequência referiu às redações variantes nos manuscritos gregos. O primeiro pesquisador bíblico a lançar mão das três classes de evidência (os manuscritos gregos, as antigas traduções e as citações dos padres), para o estudo do texto do Novo Testamento, foi Francis Lucas de Bruges, através de uma obra lançada em 1580 e. c. Entretanto, os fundamentos científicos da crítica de texto do Novo Testamento foram estabelecidos em quatro publicações de Richard Simon (1638-1712 e. c.), um erudito padre católico bem à frente do seu tempo em pesquisa bíblica. Sobre ele, Metzger e Ehrman elogiaram: “Ignorando as pressuposições tradicionais e dogmáticas da sua época, Simon examinou criticamente o texto da Bíblia como uma peça de literatura. Suas obras estão repletas de observações e raciocínios precisos, e antecipam em detalhe muitas das conclusões de estudiosos dois e três séculos posteriores” (METZGER and EHRMAN, 2005: 204).

O método clássico de crítica textual surgiu na Renascença, quando uma atenção especial foi dirigida para as falsificações de decretos papais, de credenciais de ordens religiosas e da história de Igreja. O número de falsificadores aumentou significativamente, o que levou

as autoridades a reagir a este aumento. Um conhecido falsificador daquela época foi Giovanni Nanni (também conhecido por Joannes Annius, 1432-1502 e. c.), um monge dominicano que publicou dezessete tratados falsificados, os quais ele atribuía a autoria a antigos autores gregos e romanos, obras que ele alegou ter encontrado enterradas no chão (Idem: 205-6 e 206n2).

8. A Bíblia Impressa

A invenção da impressora gráfica com tipos móveis por Johannes Gutenberg, por volta de 1450 e. c., foi de grandes consequências na cultura mundial, e marcou um novo período na história do texto do Novo Testamento, bem como não foi menor no trabalho de publicação da Bíblia. A partir de então, as cópias de livros podiam ser reproduzidas com fidelidade absoluta, com mais rapidez e com um custo bem mais baixo, tal como nunca foi possível antes, portanto muito diferente da dispendiosa, lenta e imperfeita reprodução manuscrita, o que inaugurou uma nova era na transmissão do Novo Testamento.

As duas primeiras publicações impressas do Novo Testamento Grego foram a Bíblia Poliglota, editada pelo cardial Ximenes (1436-1517 e. c.), em 1514.[12] No entanto, não foi colocada no mercado imediatamente, pois aguardava autorização, com isso o primeiro texto impresso do Novo Testamento Grego colocado no mercado foi aquele editado pelo humanista de Roterdã, Erasmo (1469-1536 e. c.), em 1516. Estas primeiras edições, as quais se tornaram as bases de todas as

---

[12] Para conhecer a reprodução de uma página desta primeira edição bilíngue (grego e latim) impressa do Novo Testamento (Romanos, 1.27-2.15), visitar METZGER and EHRMAN, 2005: 141.

edições subsequentes, até o século XIX e. c., foram feitas a partir de tardios manuscritos medievais de qualidade inferior, uma vez que o trabalho de coleta de manuscritos gregos antigos ainda era incipiente, quando comparado com o grande acervo de manuscritos gregos disponíveis hoje para cotejo, mais de cinco mil. Por exemplo, o único manuscrito grego do Apocalipse, disponível para Erasmo, estava tão mutilado, que ele foi obrigado a suprir as partes danificadas através da tradução de volta da Vulgata Latina para o grego (os últimos seis versos). As redações destes versos nunca foram encontradas em qualquer dos manuscritos gregos descobertos posteriormente.

Três edições subsequentes foram de importância especial na história do texto do Novo Testamento. A primeira, a terceira edição de Robert Stephanus, a qual foi baseada no texto de Erasmo, serviu como a base para a versão King James (1611 e. c.). A quarta edição de Stephanus (1551 e. c.) foi a primeira a enumerar o texto em capítulos e em versículos, tal como o encontramos hoje. A segunda, Theodore Beza, o sucessor de Calvino em Genebra, publicou nove edições de 1565 a 1604 e. c., que deu ao texto de Erasmo um selo de aprovação. Duas de suas edições foram também usadas na versão King James. A terceira, um texto grego muito similar àqueles de Erasmo, Stephanus e Beza foi editado pelos irmãos Elzevir em 1633 e. c. Esta edição se tornou o texto grego padrão da Europa. O termo “Texto Recebido” ou “Texto Aceito” (*Textus Receptus,* TR) foi cunhado a partir da menção do mesmo no prefácio da edição de 1633 e. c., o que fez com que o texto grego de Erasmo fosse conhecido por *Textus Receptus* (Texto Aceito) Esta denominação se manteve por mais de duzentos anos, até o surgimento das edições a partir de mais cotejos de

manuscritos gregos e com a inclusão de mais aparatos críticos, no século XIX e. c.

9. A Crítica Textual Moderna

O período de 1633 a 1831 e. c. foi caracterizado pelo acúmulo de novas evidências dos manuscritos gregos, das traduções e dos autores da patrística, de que o material cotejado, até então, não eram suficientes para assegurar uma edição mais próxima do original. Durante este período, o domínio do *Textus Receptus* não foi abalado, mais evidências foram reunidas, o que eventualmente conduziu a um melhor texto grego.

Pelo menos três estudiosos realizaram significativas contribuições neste período: Bengel, Wettstein e Griesbach. Em 1734 e. c., J. A. Bengel publicou um texto grego, reimprimindo o *Textus Receptus*, mas não baseado em qualquer edição individual. Ele, pela primeira vez, sugeriu a classificação dos manuscritos gregos em "tipos de textos" (Africano e Asiático) e criou um sistema para avaliação de variantes textuais (superior e inferior). A edição de J. J. Wettstein do texto rego (1751-52 e. c.) propôs certos princípios de crítica textual e utilizou um sistema para designar manuscritos através de símbolos. J. J. Griesbach, em suas edições de 1774 a 1807 e. c., modificou a classificação de tipos de textos de Bengel para três (Ocidental, Alexandrino e Bizantino), definiu os princípios básicos da crítica textual e mostrou grande habilidade em avaliar variantes textuais (seus quinze cânones de crítica textual). Embora as obras acima seguissem o Texto Recebido ou Aceito (*Textus Receptus*), valiosas novas evidências foram relegadas a notas críticas nas publicações.

O período de 1831 a 1881 e. c. viu o destronamento do *Textus Receptus* e a luta por uma

nova edição crítica. O primeiro rompimento importante com o *Textus Receptus* foi a publicação do texto grego por Karl Lachmann (1831 e. c.). Sua tentativa foi a primeira de reconstruir um texto a partir de princípios científicos, ao invés de reproduzir o texto medieval. Também, a impressionante obra de Constantin von Tischendorf trouxe à luz muitos manuscritos desconhecidos (por exemplo: o Códice Sinaitico). Ele também publicou edições críticas do texto grego. A última edição (1871 e. c.) incluiu um aparato crítico observando todas as variantes conhecidas dos manuscritos unciais, minúsculos, das traduções e dos escritos da patrística, até então descobertos.

Em 1881, dois estudiosos de Cambridge, B. F. Westcott e F. J. A, Hort, combinaram esforços para produzir uma monumental edição crítica do Novo Testamento Grego, em dois volumes (1881-82). O texto foi baseado na pesquisa anterior de Griesbach, Lachmann e Tischendorf, e criou uma fundamentação para mais estudo. O texto Westcott-Hort foi a base para as versões inglesas English Revised (1881) e a American Standard (1901) do Novo Testamento. Na introdução à edição crítica, F. J. A Hort arrasou o *Textus Receptus* com três argumentos básicos contra o tipo de texto Bizantino. Após cuidadoso exame dos primeiros tipos de texto e suas variantes, Westcott e Hort concluíram que o texto egípcio (Sinaitico e Vaticanus, os quais eles denominaram "neutro") preservavam o texto original com alterações mínimas. O texto crítico foi portanto baseado neste tipo de texto neutro, exceto nos casos onde a evidência interna estava claramente contra este texto. A pesquisa subsequente após Westcott e Hort (1881 e. c.) foi mais voltada ao refinamento na reconstrução do texto crítico. Em 1913, H. von Soden publicou uma extensa obra, a qual incluía um texto crítico, um extenso aparato (conjunto de notas críticas) e

longas descrições de manuscritos. Os oponentes falharam em derrubar os argumentos de Hort, mencionados acima, e não alcançaram êxito em uma defesa crível baseada nos princípios da crítica textual. Embora suas teorias textuais se tornaram controversas, mesmo assim, o texto de von Soden é um tesouro de informação.

A partir de 1898 e. c., edições de bolso do Novo Testamento Grego começaram a ser publicadas sob a editoração de Eherhard Nestle (1851-1913), com subsequentes edições por seu filho Erwin Nestle (1883-1972). A 28ª edição foi publicada em 2009 (NA28) sob a supervisão de Barbara e Kurt Aland. Estas edições se firmaram como as edições mais aceitas no mundo cristão desde as primeiras publicações, bem como elas diferem muito mais do *Textus Receptus* do que a edição crítica de Westcott e Hort (para aprofundamento, ver: VAGANAY, 1991: 89-171; ALAND et al, 1998: 03-20; MEZTGER and EHRMAN, 2005: 137-94 e para resumo, ver: PUSKAS and ROBBINS, 2012: 68-74). Sendo assim, o trabalho da Crítica Textual do Novo Testamento é identificar as variantes textuais, bem como as diferentes versões, cujos objetivos incluem a identificação de erros de transcrição, quer voluntários ou involuntários, a análise dos manuscritos gregos e das versões e, finalmente, tentar reconstruir o texto o mais próximo possível do original, uma vez que não se tem o manuscritos autógrafo. Os números variam, mas estima-se que o Novo Testamento foi preservado em mais de 5,8 mil manuscritos gregos, em cerca de 10 mil manuscritos em Latim e 9,3 mil manuscritos em versões para línguas antigas, tais como o sírio, o eslavo, o etíope e o armênio, portando, um trabalho monstruoso.

10. Os Critérios da Crítica Textual

Diante dos fatos mencionados acima, somos levados a questionar que princípios são empregados ao decidir entre redações variantes de um mesmo texto? Que critérios são usados para detectar a redação mais original possível? Estas questões são as preocupações da ciência da crítica textual. Abaixo serão descritos os princípios empregados neste método de pesquisa.

Um critério acima dos outros é aquele que efetua a escolha do pesquisador em cada ponto de variação, ou seja, a variação que melhor explica a origem de todas as outras é a mais provável de ser a original. Pois, a fim de melhor explicar a origem das outras, os pesquisadores devem considerar dois fatores: a evidência externa (os próprios manuscritos) e a evidência interna (os autores e os copistas). Com relação à evidência externa, o pesquisador deve pesar a evidência do manuscrito que suporta cada variante. A idade, a qualidade e a localização geográfica das testemunhas e seus textos que suportam cada variante. Todas são importantes considerações para isolar as melhores redações e seus documentos.

A evidência interna é de dois tipos: 1) probabilidade transcricional, a qual trata com qual espécie de erro ou alteração o escriba provavelmente cometeu. 2) probabilidade intrínseca, ou a que o autor pode mais provavelmente ter escrito. A detecção de erros de transcrição é baseada no raciocínio indutivo. Por exemplo, é comumente verdadeiro que a redação mais difícil seja provavelmente a original, uma vez que os copistas tinha a tendência de alterar o texto para uma redação mais fácil de ler. Também, a redação mais curta é frequentemente a original, visto que os escribas tendiam a acrescentar palavras ao texto (embora os escribas, às vezes, também cometiam omissões).

Uma variante que difere de uma passagem paralela ou citada em outro livro, quer do Novo Testamento ou do Velho Testamento, é quase sempre a original, uma vez que os escribas tendiam a harmonizar, ou seja, alteravam a redação do manuscrito para o qual a transcrição estava sendo reproduzida, a fim de que esta redação se aproximasse à citação da mesma passagem em outro livro da Bíblia. Detectar o que o autor mais provavelmente teria dito é o mais subjetivo aspecto da crítica textual, pois é preciso lidar com o estilo, o vocabulário, a fraseologia e as ideias do autor, tal como estas últimas são encontradas em outro livro do mesmo autor e em um contexto imediato.

Nem todos os critérios acima são igualmente aplicáveis em todos os casos, algumas vezes, eles se opõem um ao outro. Em tais empasses, o crítico textual é comumente forçado a retroceder à evidência externa (aos próprios manuscritos) como um arbitro final. A maioria dos pesquisadores bíblicos concorda que 90% de todas as variantes textual do Novo testamento são resolvidas, uma vez que a variante que melhor explica a origem das outras é também suportada pelos antigos e melhores testemunhos textuais.

11. Alguns Exemplos de Variantes Conforme a Confusão com as Letras Gregas

Em linhas gerais, as diferenças presentes nos manuscritos são divididas em: variantes involuntárias e variantes intencionais. Dentre os vários motivos, em um dos exemplos mais comuns, as variantes involuntárias, quer por distração ou por negligência do escriba, aconteciam pela dificuldade em distinguir uma letra grega de outra. Os primeiros manuscritos do Novo Testamento Grego foram escritos em unciais (letras maiúsculas), e não em letras minúsculas cursivas e, para

dificultar a leitura, com as palavras emendadas uma com as outras[13], o que aumentava a confusão. Também, a dificuldade em decifrar a caligrafia do autor dos manuscritos de onde a cópia estava sendo reproduzida pelo copista. Outro problema na Antiguidade era a dificuldade em enxergar, o que causava falhas na identificação das letras, uma vez que os óculos só foram inventados na Itália, no século XIV e. c., também, muitos copistas eram idosos, com a vista cansada, com isso os escribas não dispunham do recurso da lente para melhorar a visualização. Bem como, ainda não existia a iluminação elétrica, de modo que a iluminação era através da luz de vela ou de lamparina, cuja claridade não era da mesma intensidade da iluminação através da lâmpada elétrica. Por exemplo, em uma caligrafia difícil e em um ambiente sob a luz de vela, as letras maiúsculas gregas Σ (sigma) e Ε (épsilon), bem como as letras Θ (theta) e Ο (omicron), poderiam ser facilmente confundidas. Então, em 1 Timóteo 3.16, os mais antigos manuscritos redigem ΟΣ (ele que), enquanto muitos dos manuscritos tardios redigem ΘΣ (a abreviação comum para Θεός – Deus).[14]

Também, as letras maiúsculas Γ (gamma), Π (pi) e Τ (tau) eram fáceis de serem confundidas, especialmente se a barra horizontal nas primeiras e nas últimas letras (Γ e Τ) tivessem sido descuidadamente traçadas ou se a perna direita de Π (pi) fosse curta demais, poderia ser confundida com Γ (gamma). Então, em 2Pedro 2.13, alguns manuscritos redigem ΑΤΑΠΑΙΣ

---

[13] Para exemplo, ver: METZGER and EHRMAN, 2005: 19.

[14] A quarta edição revista de ALAND et al, 1998: 718, redige: Ος (ele que). A New Revised Standard Version Updated Edition (NRSVUE) traduziu para o inglês "He" (ele que). As tantas traduções para as línguas contemporâneas se dividem entra as traduções "ele que" e "Deus".

(ATAPAIS – festas de amor), e outros redigem ΑΠΑΤΑΙΣ (APATAIS – decepções).[15] Da mesma maneira, quando duas letras Λ (lambda) fossem escritas próximas demais, elas poderiam ser percebidas como a letra M (mu), tal como acontece em Romanos 6.5, onde a maioria dos manuscritos redigem ΑΛΛΑ (ALLA – mas), enquanto outros redigem AMA (AMA – juntos).[16] Quando a letra Λ (lambda) é seguida próxima demais de uma letra I (iota), a combinação poderá ser entendida como a letra N (nu), ou seja, ΛI confundida com N. Assim, em manuscritos de 2Pedro 2.18, ΟΛΙΓΩΣ (OLIGOS – escassamente) se confunde com ΟΝΤΩΣ (ONTOS – realmente),[17] onde as letras T (tau) e Γ (gamma) também são confundidas. Algumas vezes, as letras lambda Λ e delta Δ são confundidas, tal como em Atos 15.40, onde ΕΙΠΛΕΞΑΜΕΝΟΣ (EPILEXAMENOS – tendo escolhido) aparece no Códice Bezae como ΕΠΙΔΕΞΑΜΕΝΟΣ (EPIDEXAMENOS – tendo recebido).[18] Outra confusão é com as abreviações ΑΠΟΘΥ (abreviação de απο Θεου – da parte de Deus) e ΑΓΙΟΙΘΥ (abreviação de αγιοι Θεου – santos de Deus). Segundo Bruce M. Metzger e Roger L Omanson, a redação original deve ser ΑΠΟΘΥ (απο Θεου - da parte de Deus). Esta é a redação que melhor explica a redação tardia ΑΓΙΟΙΘΥ, αγιοι Θεου –

---

[15] Na edição ALAND et al, 1998: 803, a redação é ἀπάταις (apatais – decepções). A partir de uma época em diante, as cópias passaram a ser reproduzidas em letras minúsculas, ao invés das unciais (maiúsculas) utilizadas nos primeiros séculos.

[16] Na quarta edição revista de ALAND et al, 1998: 533, a redação é ΑΛΛΑ (ALLA – mas).

[17] ALAND 1998: 804 et al, redige ΟΛΙΓΩΣ (OLIGOS – escassamente).

[18] ALAND et al, 1998: 469 redige ἐπιλεξάμενος (epilexamenos - tendo escolhido).

os santos de Deus[19] (METZGER, 1971: 701 e OMANSON, 2010: 515).

Os exemplos acima são apenas dos erros derivados de falha na vista do escriba no momento da transcrição, existem muitos outros motivos que levaram aos erros de reprodução manuscrita. As variantes são muitas, não existe consenso entre os pesquisadores sobre a quantidade exata, de modo que não será possível tratar de todas aqui, uma vez que o que nos interessa aqui é apenas a variante relativa à interpolação ou à omissão, conforme o caso da *Pericope Adulterae* (a Perícope da Mulher Adúltera), a qual poderá ser uma interpolação ou uma omissão. Portanto, para conhecer mais variantes, o número é monstruoso, que pode chegar a 500 mil (GURRY, 2016: 12), tanto involuntárias ou intencionais, acompanhadas de exemplos, nos manuscritos gregos, consultar: VAGANAY, 1991: 52-61; ALAND and ALAND, 1995: 280-97; METZGER and EHRMAN, 2005: 250-71 e, para resumo, ver: OMANSON, 2010: xvi-xix.

12. O Número de Variantes

As diferenças são tantas que não existe consenso entre os pesquisadores sobre o números de variantes após o cotejo entre manuscritos gregos, apenas estimativas aproximadas. O primeiro a emitir uma estimativa foi John Mill em 1707 e. c., ele apontou a presença de 30 mil variantes textuais em seu trabalho de 30 anos de coleta de manuscritos do Novo Testamento.[20] Depois desta estimativa, a número de

---

[19] ALAND et al, 1998: 801 redige απο Θεου (apo Theou - da parte de Deus).

[20] Ele comparou apenas menos de 100 manuscritos, atualmente o número de manuscritos existentes do Novo

variantes estimadas por outros pesquisadores só aumentou, à medida que as pesquisas avançavam e mais manuscritos eram confrontados. Veja abaixo a reprodução da lista elaborada por Peter J. Gurry das estimativas dos últimos 150 anos (GURRY, 2016: 16):

Autor	Estimativa	Data
F. H. A Scrivener	120 mil	1861
Philip Schaff	150 mil	1883
William P. Dickson	120 mil	1886
B. B. Warfield	180-200 mil	1889
Erza C. von Abbot	150 mil	1891
Eberhard Nestle	120-150 mil	1897
Marvin Vicent	150-200 mil	1899
Adolf Jülicher	30-100 mil	1904
Ira Maurice Price	150 mil	1907
Charles Sitterly	200 mil	1915
Louis Pirot	250 mil	1934
Léon Vaganay	150-250	1934
Erwin Nestle	250-300 mil	1951
Merrill M. Parvis	150-250 mil	1962
Kenneth W. Clark	300 mil	1962 e 1966
Raymond F. Collins	200 mil	1983
Werner Stenger	250 mil	1983
Léon Vaganay	150-250 mil	1991
Keith Elliott e Ian Moir	300 mil	1995
Eldon J. Epp	300 mil	1997 e 1999
Bart D. Ehrman	300 mil	1997
Antonio Piñedo	250 mil	2003
Eckhard Schnabel	300 mil	2004
Eldon J. Epp	500 mil	2007
Bart D. Ehrman	200-400 mil	2005
Daniel B. Wallace	300-400 mil	2006

Testamento, na íntegra ou em fragmentos, é estimado em 5.600 (GURRY, 2016: 02n3).

Harold J. Greenlee	400 mil	2008
Clinton Baldwin	300 mil	2010
Eldon J. Epp	400-750 mil	2011
Daniel B. Wallace	400 mil	2012
Lee Martin McDonald	200-400 mil	2012
Stanly E. Porter	100-400 mil	2013
Craig L. Blomberg	200-400 mil	2014
Eldon J. Epp	400-750 mil	2014

Peter J. Gurry, depois de analisar algumas estimativas de outros autores e propor uma nova metodologia para o cálculo da estimativa, estimou que “o número de variantes textuais no Novo Testamento Grego (não incluindo as diferenças ortográficas) é de cerca de 500 mil” (GURRY: 2016: 12).

13. Interpolações e Omissões no Texto do Novo Testamento Grego

Além das tantas alterações ocorridas no texto do Novo Testamento, com causas diversificadas, os acréscimos e as omissões também não foram poucas. Os motivos podem ter sido, desde o desejo do copista em corrigir a ortografia ou a gramática da passagem a ser copiada, até o acréscimo e omissão intencionais de frases e palavras, acréscimos que combinavam com a sua ideologia ou com o seu sectarismo, ou omitir para encobrir a divulgação de ideias em desacordo com sua preferência teológica, ou com seu engajamento sectário. A Crítica Textual atual é capaz de identificar as interpolações e as omissões mais evidentes de passagens, bem como as mais duvidosas, portanto debatidas.

Dentre as interpolações mais extensas e notórias, além da ausência da Pericope Adulterae (Perícope da Mulher Adúltera) nos mais antigos e mais

confiáveis manuscritos gregos[21] do Evangelho de João (7.53-8.11), também os últimos versículos do Evangelho de Marcos (16.9-20) são suspeitos de ser interpolações tardias, ou seja, o texto original provavelmente terminava em 16.08. Esta última suposta interpolação também não está presente nos mais antigos e mais confiáveis manuscritos gregos e latinos, bem como, alguns manuscritos tardios acrescentam dois finais distintos para o Evangelho de Marcos, ou seja, o final mais curto, com apenas um versículo e o final mais longo, este último com os 12 versículos adicionais 16.09-20, bem como, a redação desta interpolação não combina com o estilo redacional de Marcos e quase todos os versículos têm variantes redacionais nos diferentes manuscritos

[21] Veja a pequena lista de alguns dos mais antigos e mais importantes manuscritos que omitem esta história em METZGER, 1971: 220 e para aprofundamento, consultar WILLKER, 2011: 04-14. Alguns deles são: א (Códice Sinaítico, século IV), B (Códice Vaticano, século IV), L (Códice Regius, século VIII), N (Códice Petropolitanus Purpureus, século VI), T (Códice Borgianus, século V), W (Códice Washingtoniesis, século IV ou V), X Códice Monacensis, século X), Y (Códice Macedoniensis, século IX), e os papiros P66 e P75 (ambos do século III). Os códices A (Alexandrino) e C (Ephraemi Rescriptus), ambos do século V, contém o Evangelho de João, porém os trechos correspondentes a história da mulher adúltera estão danificados nos manuscritos, existe uma lacuna, mesmo assim os pesquisadores alegam, após medição cuidadosa, que o correspondente espaço faltante não é suficiente para comportar toda a história da Perícope, portanto a narrativa da Perícope não deveria estar incluída nestes dois manuscritos (ver: OMANSON, 2010: 183). Defensores da inclusão argumentam que a história poderia estar em uma nota na margem do folio danificado, no entanto não é possível encontrar prova para tal argumentação.

que incluem a passagem interpolada. Sendo assim, Marcos 16.09-20 e João 7.53-8.11 (Perícope da Adúltera) são as duas mais extensas interpolações que podemos encontrar nos quatro evangelhos (WILLKER, 2011: 26). Sobre a inautenticidade de Marcos 16.09-20, Bruce M. Metzger explicou assim: "Todo o acréscimo tem um indiscutível sabor apócrifo. Ele provavelmente é a obra de um escriba do segundo ou do terceiro século, que desejou suavizar a severa condenação dos Onze (apóstolos) em 16.14" (METZGER, 1971: 125 e para detalhes, ver: METZGER, 1971: 122-8; ALAND et al, 1998: 190-2 e OMANSON, 2010: 102-6).

Quanto ao Evangelho de João, o qual nos interessará aqui, Juan Chapa observou: "Não existe sequer dois manuscritos do Evangelho de João que sejam exatamente iguais em cada passagem. Aproximadamente oitenta anos após sua composição, o texto apresenta uma diversidade de variações. Isto é confirmado pelos papiros P66 e P75, os quais nos remetem aos textos que seguramente estavam em circulação nas últimas décadas do segundo século" (CHAPA, 2012: 143). O papiro P66 é o único papiro que contém o Evangelho de João completo, por isso a sua importância em razão da antiguidade (século III) e da completude, os outros papiros que incluem este evangelho sobreviveram apenas em fragmentos. Já os manuscritos em pergaminho ou em velino mais antigos que contém o Evangelho de João completo são: א (Códice Sinaitico) século IV; B (Códice Vaticano) século IV; A (Códice Alexandrino) século V; C (Códice Ephraemi Rescriptus) século V e o D (Códice Bezae) século V.

14. A Polêmica sobre a Pericope Adulterae

A literatura de estudos sobre a Perícope da Adúltera (PA) é extensa e está repleta de teorias

especulativas e suposições, algumas bem imaginativas, em virtude da escassez de provas, portanto existem mais especulações do que fatos devidamente comprovados, de modo que aqui nos limitaremos a aqueles mais comprovados, deixando de lado as numerosas teorias duvidosas, as quais são, na maioria das vezes, desenvolvidas a partir de pistas vagas. Um exemplo de teoria especulativa é a tentativa de encontrar referência à PA no século II, o que é pura suposição, com base na menção da frase "nem eu te condeno" (οὐδὲ ἐγώ κρινω υμας - oude ego krino umas)[22], no Protoevangelho de Tiago XVI.03, uma obra datada do século II e. c. (Evangelho da Infância de Jesus – METZGER and EHRMAN, 2005: 58 e 59), a qual também foi dita por Jesus, com leve diferença redacional, na PA (João 8.11 - οὐδὲ ἐγώ σε κατακρίνω - oude ego se katakrino), porém no Protoevangelho foi pronunciada por um juiz durante um julgamento, através de um ordálio, de José e Maria, pais de Jesus, como referência à PA no século II, está longe de ser uma evidência (ver: KEITH, 2009: 208). Pois, pesquisadores do meio religioso são, quase sempre, propensos a confundir pista com prova, em virtude da sua formação pouco cética. Portanto, no caso de interesse do leitor, o conhecimento destas teorias poderá ser encontrado nas obras sugeridas entre parênteses ou na bibliografia relacionada no final deste estudo.

Tal como mencionamos acima, dentre as incontáveis alterações redacionais e textuais recorrentes no Novo Testamento, nos interessa aqui apenas as

---

[22] Bart Ehrman e Bruce M. Metzger traduziram οὐδὲ ἐγώ κρινω υμας por "Nem eu te julgo" (METZGER and EHRMAN, 2005:58 e 59). O verbo κρινω (krino) é polissêmico, enquanto o verbo κατακρίνω (κατα + κρίνω), é mais específico no sentido de sentenciar, de julgar e de condenar.

alterações de interpolação ou de omissão, especificadamente o discutido caso de interpolação ou de omissão da Pericope Adulterae (Perícope da Mulher Adúltera - PA). Quer ela seja uma interpolação nos manuscritos tardios, ou uma omissão nos manuscritos mais antigos, será o que discutiremos a partir de agora. A passagem aparece no Evangelho de João 7.53-8.11 na maioria dos manuscritos onde a mesma está presente. Mesmo entre os que incluem esta passagem, existem divergências na redação de quase todos os versículos. Por exemplo, a fim de satisfazer a curiosidade do que Jesus escreveu no chão em João 8.08, alguns manuscritos interpolaram a frase "os pecados de cada um deles" (METZGER, 1971: 222). Em contrapartida, é omitida em todos os manuscritos gregos mais antigos, bem como, inexiste nas primeiras traduções (siríacas, saídicas, boaíricas, armênias, georgianas, góticas e nos vários manuscritos da Antiga Latina). Por isso, algumas edições da Bíblia, traduzidas para as línguas contemporâneas, observam, através de nota,[23] que a originalidade da passagem é duvidosa, portanto polêmica entre os estudiosos, uma vez que não são todas as traduções que reconhecem a originalidade, de modo que a maioria dos cristãos desconhece a problemática,[24] tampouco os padres e os pastores estão

---

[23] Ou entre colchetes, tal como a 27ª edição de Nestle-Aland (ALAND et. al. 1998: 347-8). Já nos manuscritos que suspeitam da originalidade, a passagem é assinalada com colchetes, com asterisco ou com óbelos, estes últimos podiam ser sinal de menos, de dividir, seta ou agulha piramidal. Chris Keith observou que 195 manuscritos (do nono ao décimo oitavo séculos) mencionam dúvida quanto ao status textual da Perícope da Adúltera (KEITH, 2009: 133n61).

[24] Algumas edições em línguas contemporâneas que observam através de nota a dubiedade da passagem são: a

interessados em divulgar para os fiéis esta dubiedade textual.

A dúvida não é assinalada apenas nas Bíblias impressas atuais e recentes, mas também nos próprios manuscritos, tanto antigos como medievais, também assinalam dúvidas quanto à autenticidade e à localização, o que resultou em uma confusão na hora da reprodução manuscrita. Então os copistas, na dívida, ou omitiam a passagem, ou a reproduziam, mas assinalavam a dubiedade com sinais críticos ou, de forma alternativa, reproduziam a passagem, mas a localizavam em outro local no texto, daí a diversidade de localizações para a Perícope da Adúltera (PA). Chris Keith citando Metzger, observou que “em muitos manuscritos que relatam a passagem, ela é assinalada com asteriscos ou com óbelos, indicando que, embora os escribas incluíam o relato, eles estavam cientes de que ela carecia de credenciais satisfatórias”. Também, ele citou o curioso caso em que o copista do Manuscrito 565 observou em nota que ele propositalmente não incluiu a Perícope, embora o exemplar de onde ele copiava, incluía passagem e, ao invés disto, ele copiou a

---

New Revised Standard Version Updated Edition, NRSVUE, 2021 e a *New Revised Standard Version Catholic Edition*, NRSVCE, 1993, as quais observam que “os mais antigos manuscritos omitem a passagem 7.53-8.11, outros manuscritos a acrescenta após João 7.35 ou após 21.25, ou após Lucas 21.38, com variações no texto, alguns manuscritos observam a passagem como duvidosa. Também, a Bíblia de Jerusalém observa: “essa perícope (7.53 – 8.11), omitida pelos testemunhos mais antigos (manuscritos, traduções e citações dos padres), e desprezada por outros, com estilo de colorido sinóptico, não pode ser do mesmo São João. Poderia ser atribuída a São Lucas, confira Lc 21.38.

história no fim do Evangelho de João, provavelmente por estar confuso (KEITH, 2009: 134).

Diante deste quadro confuso, foi fácil para os copistas a omitirem, ou localizá-la em posições diferente nos evangelhos.

15. Texto Grego e Tradução da Perícope Adúltera (João 7.53-8.11)

Com base na 27ª edição revista de Nestle-Aland, o texto grego é o seguinte:
7.53 καὶ ἐπορεύθησαν ἕκαστος εἰς τὸν οἶκον αὐτοῦ, 8.1 ἰησοῦς δὲ ἐπορεύθη εἰς τὸ ὄρος τῶν ἐλαιῶν. 2 ὄρθρου δὲ πάλιν παρεγένετο εἰς τὸ ἱερόν, καὶ πᾶς ὁ λαὸς ἤρχετο πρὸς αὐτόν, καὶ καθίσας ἐδίδασκεν αὐτούς. 3 ἄγουσιν δὲ οἱ γραμματεῖς καὶ οἱ φαρισαῖοι γυναῖκα ἐπὶ μοιχείᾳ κατειλημμένην, καὶ στήσαντες αὐτὴν ἐν μέσῳ 4 λέγουσιν αὐτῷ, διδάσκαλε, αὕτη ἡ γυνὴ κατείληπται ἐπ᾽ αὐτοφώρῳ μοιχευομένη·5 ἐν δὲ τῷ νόμῳ ἡμῖν μωϊσῆς ἐνετείλατο τὰς τοιαύτας λιθάζειν· σὺ οὖν τί λέγεις;6 τοῦτο δὲ ἔλεγον πειράζοντες αὐτόν, ἵνα ἔχωσιν κατηγορεῖν αὐτοῦ. ὁ δὲ ἰησοῦς κάτω κύψας τῷ δακτύλῳ κατέγραφεν εἰς τὴν γῆν.7 ὡς δὲ ἐπέμενον ἐρωτῶντες αὐτόν, ἀνέκυψεν καὶ εἶπεν αὐτοῖς, ὁ ἀναμάρτητος ὑμῶν πρῶτος ἐπ᾽ αὐτὴν βαλέτω λίθον· 8 καὶ πάλιν κατακύψας ἔγραφεν εἰς τὴν γῆν.9 οἱ δὲ ἀκούσαντες ἐξήρχοντο εἷς καθ᾽ εἷς ἀρξάμενοι ἀπὸ τῶν πρεσβυτέρων, καὶ κατελείφθη μόνος, καὶ ἡ γυνὴ ἐν μέσῳ οὖσα.10 ἀνακύψας δὲ ὁ ἰησοῦς εἶπεν αὐτῇ, γύναι, ποῦ εἰσιν; οὐδείς σε κατέκρινεν; 11 ἡ δὲ εἶπεν, οὐδείς, κύριε. εἶπεν δὲ ὁ ἰησοῦς, οὐδὲ ἐγώ σε κατακρίνω· πορεύου, [καὶ] ἀπὸ τοῦ νῦν μηκέτι ἁμάρτανε.

E com base nas traduções mais confiáveis, esta passagem poderia ser traduzida assim:
7.53. Então, cada um deles foi para casa, 8.01 enquanto Jesus foi para o Monte das Oliveiras. 2 De manhã cedo,

ele veio novamente ao templo. Todas as pessoas vieram até ele, e ele se sentou e começou a ensiná-las. 3 Os escribas e os fariseus trouxeram uma mulher que tinha sido flagrada em adultério, fazendo com que ela ficasse de pé diante de todos. 4 Eles disseram a ele: 'mestre, esta mulher foi pega no próprio ato de cometer adultério. 5 Agora, a Lei de Moisés nos ordena apedrejar tal mulher. Agora, o que você diz? 6 Eles disseram isto para testá-lo, de maneira que pudessem ter alguma acusação contra ele. Jesus se inclinou e escreveu com o seu dedo no chão. 7 Quando eles continuaram a questioná-lo, ele se ergueu e disse a eles: 'que alguém entre vós que seja sem pecado, que seja o primeiro a lançar uma pedra nela. 8 E, uma vez mais, ele se inclinou e escreveu no chão. 9 Quando eles ouviram isto, eles foram embora, um por um, começando com os mais velhos, e Jesus foi deixado sozinho com a mulher em pé diante dele. 10 Jesus se levantou e disse: 'mulher, onde estão eles? Não tem alguém que a condenou? 11 Ela disse: 'ninguém senhor'. E Jesus disse: 'Nem eu a condeno, vá pelo seu caminho e, de agora em diante, não peques mais' (WILLKER, 2011: 03; ALAND et. al., 1998: 347-8 e com comentários, veja: KEITH, 2009: 161-72).

16. As Variações: Inclusões e Exclusões

As diferenças entre os manuscritos variam desde a presença ou não da PA[25] nos quatro evangelhos, passando pelas divergências na localização no Evangelho de João ou em outros evangelhos, até as variações nos textos e nas redações dos manuscritos que a incluem. Uma vez que as diferenças são numerosas entre os manuscritos que incluem a PA, foi preciso um árduo trabalho de cotejo de diversos

---

[25] PA = Perícope da Adúltera (Pericope Adulterae).

manuscritos e testemunhos, para então se chegar à Edição Critica desta passagem. Com isso, a redação do mais antigo manuscrito grego que inclui a PA, o Códice D (Códice Bezae), difere consideravelmente da redação da 27ª Edição Crítica por Nestlé-Aland (1998). Wieland Willker preparou um quadro sinóptico comparando as redações da Perícope da Adúltera no Códice D e na 27ª Edição Critica de Nestlé-Aland, assinalando os trechos diferentes com letras coloridas, consultar WILKKER, 2011: 33-4.

Os manuscritos que omitem são: P66, P75, א, A vid, B, C vid, L, N, T, W, X, Y, D, Q, Y, 070 vid , 0141, 0211, 22, 33, 157, 213, 397, 713, 799, 821, 849, 865, 1241, 1424, pm 260, it (a, f, l *, q), Sy, sa, bo pt, pbo, ac 2, arm mss , geo mss , aeth, goth, Ir, Cl, Or, Chrys, Tert, Cyp, Hier mss, Aug mss. Os que apresentam lacunas em razão de danos nos manuscritos são: P45, A, C, 070, no entanto, com base em medições cuidadosas, é muito improvável que estes manuscritos danificados incluíam a Perícope antes da danificação. O manuscrito W/32 possui uma página em branco entre o fim do Evangelho de João e o começo do evangelho de Lucas, nenhum espaço aparece entre Mateus e João ou entre Lucas e Marcos.[26] É possível que isto indique o conhecimento da PA[27]. Após reconstrução, conclui-se que o manuscrito P45 é altamente improvável que contivesse a PA. A (Códice Alexandrino) tem uma lacuna entre 6.50-8.52, portanto bem certo que não abrigava a PA, pois o espaço faltante encaixa exatamente em um espaço sem a PA. O manuscrito C (Códice Ephraemi Rescriptus) tem uma lacuna entre 7.03-8-36, também muito improvável que

---

[26] Observe que este manuscrito não segue a ordem tradicional dos Evangelhos.

[27] A Perícope da Adultera doravante reproduzida pelas iniciais PA para resumir.

contivesse a PA. O manuscrito 070 em copta tem as passagens 7.42-8.12 sem a PA, e o manuscrito grego inclui apenas 7.3-12 e 8.13-22, omitindo a PA. Alguns dos mais antigos que a incluem são: D, d, e (século V); manuscritos alexandrinos gregos e da Antiga Latina (séculos VI e VII); E, (L), 047, 0233 (século VIII); F, G, H, K, Π, M, U, V, (Δ); Λ, Ω (século IX) e S, Γ (século X). Os manuscritos assinalados entre parênteses, L e Δ, contém uma extensa lacuna, indicando que conheciam a PA. O manuscrito 047 omite os versículos 7.53-8.02, o manuscrito F tem uma lacuna do versículo 7.28 até 8.10, o manuscrito Π tem uma lacuna de 8.06 até 8.44, o manuscrito W32 e os manuscritos E, M, S, Λ, Π, Ω, 1424 e pm270 assinalam a passagem correspondente à Perícope com sinais críticos, indicando que a originalidade é duvidosa.

17. As Variações Textuais e Redacionais

Mesmo entre os manuscritos que incluem a PA, os conteúdos textuais e redacionais não são idênticos. O cotejo leva a percepção de que, enquanto frases e palavras são acrescidas em alguns e em outros são omitidas, estas são as variações textuais. Também, as redações dos versículos não coincidem, sobretudo a troca de uma palavra por outra, bem como uma frase aparece em versículos diferentes. Veja alguns exemplos. João 8.03 - os manuscritos D (Códice Bezae) e 1071 substituem a palavra μοιχείᾳ - moixeia (adultério) por outra menos específica: αμαρτιαα - amartia (erro, engano), provavelmente a fim de suavizar a ação da mulher e com isso justificar o perdão de Jesus em 8.11. 8.06 – a frase: τοῦτο δὲ ἔλεγον πειράζοντες αὐτόν, ἵνα ἔχωσιν κατηγορεῖν αὐτοῦ "Eles disseram isto para testá-lo, de maneira que pudessem ter alguma acusação contra

ele”, aparece em 8.04 em alguns manuscritos, na maioria em 8.06, ainda outros em 8.08 ou 8.11.
8.08 – a fim de satisfazer a curiosidade relativa ao que Jesus escreveu no chão, os manuscritos U, Π, 73, 331, 364, 700, 782, 1592 e arm mss acrescentam após a palavra γην – gen (no chão) a frase: “os pecados de cada um deles”.
8.09 – οἱ δὲ ἀκούσαντες ἐξήρχοντο εἷς καθ’ εἷς “Quando eles ouviram isto, eles foram embora, um por um”, o Textus Receptus acrescentou uma frase de comentário que os acusadores da mulher foram “reprovados pela sua própria consciência”. Também, a redação πρεσβυτέρων – presbiteron (mais velhos) foi ampliada em alguns manuscritos como acréscimo em frase tal como “até os últimos” e “assim que todos saíram”, para indicar que todos aqueles que acusaram a mulher foram embora.
8.10 – o versículo foi ampliado com o acréscimo de várias frases que se referem a Jesus olhando para a mulher, tal como “e não vendo ninguém senão a mulher”. Também, a frase “aqueles seus acusadores” não aparece em todos os manuscritos (METZGER, 1971: 222-3; OMANSON, 2010: 185 e para aprofundamento, ver: WILLKER, 2011: 35-50).

18. As Primeiras Narrativas pelos Padres

A mais antiga é a de Dídimo o Cego (313 – 398 e. c.), um padre e teólogo que escreveu comentários sobre o Antigo Testamento. Conhecemos o seu trabalho hoje graças a descoberta de seus manuscritos, durante a construção de uma caverna artificial em 1941, no Egito. A sua reprodução do relato da PA aparece no seu comentário em grego do Eclesiastes 7.21-22, com algumas diferenças, sobretudos omissões, quando comparamos com o relato de João 7.53- 8.11:

“Nós encontramos, portanto, em certos evangelhos (a seguinte história). Uma mulher, diz-se, foi condenada pelos judeus por um pecado e estava sendo levada para ser apedrejada no local onde isto habitualmente acontecia. O Salvador, diz-se, quando ele a viu e observou que eles estavam prestes para apedrejá-la, disse a aqueles que estavam prestes a lançar as pedras. ‘Aquele que não tem pecado, que ele apanhe uma pedra e a atire’. Se alguém é consciente em si mesmo não ter pecado, que ele apanhe uma pedra e a puna. E ninguém se atreveu. Visto que eles sabiam neles mesmos e perceberam que eles mesmos eram culpados em algumas coisas, eles não atreveram a apedrejá-la” (EHRMAN, 2006: 199; KEITH, 2009: 206 e WILLKER, 2011: 16).

A frase “em certos evangelhos” é importante para a Crítica Textual, uma vez que aponta para o fato de que a PA não estava presente em todos os manuscritos que ele conhecia na época, Dídimo viveu em Alexandria, um importante centro cultural na Antiguidade, portanto, com isso percebemos que existiam manuscritos naquela cidade que tinham e os que não tinham a PA no século IV e. c. Em razão das diferenças com João 7.53-8.11, duas hipóteses são prováveis, ou a narrativa reproduzida por Dídimo foi tomada de memória, ele não devia estar diante de um manuscrito, ou, se diante de um manuscrito, as versões das narrativas eram diferentes nos manuscritos que ele utilizou. Dídimo não mencionou se a PA estava no Evangelho de João. Bart Ehrman sugeriu que Dídimo reproduziu a história da PA a partir do Evangelho dos Hebreus (EHRMAN, 2006: 219). Tudo indica que, antes do final do século IV e. c., a história da PA já era reconhecida como canônica e já estava incorporada em alguns manuscritos, pois Jerônimo a inclui na sua

tradução para o latim, a Vulgata, no Evangelho de João 7.53-8.11, em 384 e. c.

Outra narrativa antiga aparece na Didascalia Apostolorum (Disciplinas dos Apóstolos), uma obra originalmente em grego do século III e. c., atribuída a autoria aos doze Apóstolos, mas pela leitura é fácil reconhecer que é uma obra tardia de cerca do ano 300 e. c. Não existe mais completa em grego, os manuscritos preservados completos são as versões sírias. A história da PA é relatada assim: “Pois você não obedece ao nosso Salvador e nosso Deus, para fazer o mesmo como Ele fez com ela que tinha pecado, que os anciões colocaram diante Dele deixaram o julgamento em Suas mãos, e partiram. Mas ele, o Buscador de Corações, perguntou a ela e disse: Os anciões condenaram você, minha filha? Ela disse a Ele: não Senhor, e ele disse a ela, vá em seu caminho, nem Eu a condeno” (Didascalia Apostolorum VII.2.23.15-25 - CONNOLLY, 1929: 76; também: KEITH, 2009: 207; EHRMAN, 2006: 210 e WILLKER, 2011: 16).

Portanto, é difícil saber se estes relatos mais curtos são apenas resumos de uma história mais longa, que era conhecida até então apenas oralmente, portanto muito sujeita às alterações pelos oradores, ou se são versões mais antigas da história que, anteriormente, eram menores e foram aumentando com o tempo ou, até mesmo, se os autores não tinham um manuscrito do relato diante deles e reproduziram a história de memória, ou seja, apenas o que recordavam. Apesar da brevidade, estas versões antigas apresentam diferenças com a PA consolidada no Evangelho de João. Por exemplo, na PA de João a adúltera não tinha sido condenada pelos judeus, tampouco no relato da Didascalia, enquanto que no relato de Dídimo, ela tinha sido condenada pelos judeus: “Uma mulher, diz-se, foi condenada pelos judeus por um pecado”. Também, em Dídimo e na Didascalia, é

mencionado que a mulher cometeu um pecado, sem especificar qual pecado, enquanto que na PA de João, o pecado é especificado, ou seja, pecado de adultério.

Sobre as variantes da PA, Bart D. Ehrman resumiu: "Por volta do século IV e. c., haviam de fato três versões existentes da PA. (1) a história do aprisionamento na qual Jesus livremente perdoa a mulher pecaminosa, conhecida por Papias e pelo autor da Didascalia, (2) a história da intervenção de Jesus em um procedimento de execução, preservada no Evangelho Segundo os Hebreus e relatada por Dídimo em seu comentário do Eclesiastes, e (3) a versão popular encontrada nos manuscritos do Evangelho de João, uma versão que representa a confluência de duas histórias mais antigas" (EHRMAN, 2006: 219). Apesar de toda a minha admiração pelo trabalho de Bart D. Ehrman, reconheço que esta sua conclusão ainda é hipotética, pois não é possível concluir como eram estas versões no século IV e. c., com apenas tão poucas fontes de informação sobre as mesmas (Papias, Didascalia, Evangelho dos Hebreuse Dídimo), sobretudo se elas circulavam através da transmissão oral, de modo que não temos certeza se a história estava sendo relatada na totalidade ou sendo acrescida para efeito de catequese. Estas versões mais antigas apenas transmitem pistas.

Wieland Wiiker reproduziu uma versão mais tardia encontrada no Códice Edschmiadzim 229, do ano 989 e. c.: "Uma certa mulher foi flagrada em pecados contra quem todos testemunharam que ela era merecedora da morte. Eles trouxeram-na até Jesus (para ver) o que ordenaria, a fim de que eles pudessem incriminá-lo. Jesus respondeu e disse, 'venham vocês, que são sem pecado, atire as pedras e a apedreje até a morte'. Mas ele mesmo, curvando sua cabeça estava escrevendo com o dedo no chão, para declarar os pecados deles, e eles estavam visualizando seus

pecados nas pedras. E repletos de vergonha, eles partiram, e ninguém permaneceu, mas somente a mulher; Jesus disse ‘Vá em paz, e ofereça a oferenda por pecados, tal como na lei deles está escrita”. (WILLKER, 2011: 17).

19. As Diferentes Localizações

Apesar da esmagadora maioria dos manuscritos gregos (1.370 dos 1.428 manuscritos, portanto 95,9%) localizarem a PA em João 7.53-8.11, apenas 58 manuscritos a localizam em outro lugar. As variações da localização podem abranger desde outras localizações nos Evangelhos Canônicos, até as menções dos antigos padres de que ela estava presente em um evangelho apócrifo. Papias (século II e. c.) e Eusébio (265-339 e. c.) mencionaram que a PA se encontrava no Evangelho Segundo os Hebreus. Agostinho e Jerônimo a localizaram em João 7.53–8.11, porém reconheceram que ela não estava presente em todos os manuscritos que eles conheceram na época. Em uma nota, Chris Keith observou que “dos fragmentos de manuscritos restantes do Evangelho dos Hebreus, nenhum inclui a PA”, e o debate atual discute em “qual dos Evangelhos dos Hebreus (Evangelho Segundo os Hebreus, Evangelho dos Ebonitas e Evangelho dos Nazarenos) a PA estava presente, tal como Papias e Eusébio a conheceram no passado” (KEITH, 2009: 131 e 131n52).

Em sua pesquisa, Chris Keith encontrou doze localizações diferentes para a PA nos manuscritos (KEITH, 2009: 120-1):

1. Em João 7.53-8.11 (a grande maioria, 95,9%)
2. Em João 21.25
3. Após João 7.44
4. Após João 8.12

5. Entre o fim do Evangelho de Lucas e o início do Evangelho de João
6. Após Lucas 21.36
7. Após João 8.12a
8. Após João 7.36
9. Após João 10.36
10. Após João 8.20
11. Após João 8.13 e
12. Após João 8.14a

Além de maioria, a localização em João 7.53-8.11 é a mais antiga.[28] O mais antigo manuscrito grego a incluí-la é o Codex D (também conhecido por Codex Bezae) de cerca do ano 400 e. c. Os outros manuscritos que a incluem em João 7.53-8.11 são do século VII e. c. ao século XV e. c., com a maioria datando do século XII e. c. Os mais antigos manuscritos latinos que a incluem neste local são os da tradição Antiga Latina, manuscritos "*e*" e *ff*^{2} do século V e. c. Wieland Willker resumiu assim: "Os mais antigos manuscritos que realmente incluem a PA são: D, b*, d, e, ff^2, todos do século V e. c. Diversos padres das igrejas latinas desde o século IV e. c. em diante conheciam a PA no Evangelho de João. Ela não é mencionada por qualquer padre grego antes do século XII e. c. (exceto Dídimo e a história da igreja atribuída a Zacarias Retor). Jerônimo a mencionou, por volta do ano 415 e. c., que manuscritos gregos e latinos possuíam a Perícope. Assim, a PA estava claramente presente nos códices latinos e, muito provavelmente, nos códices gregos na segunda metade do século IV e. c. Disto podemos concluir que a PA entrou nos manuscritos gregos provavelmente em algum momento nos séculos

---

[28] Destes manuscritos que a incluem no Evangelho de João 7.53-8.11, apenas um pequeno número de dezoito deles a incluem em 7.52-8.02, portanto omitindo o restante da história.

III e IV e. c., provavelmente primeiro no Ocidente. Isto não significa que, por outro lado, a história era desconhecida antes desta época. Nós vimos que Papias já a conhecia e que ela está incluída na Didascalia Apostolorum em sua tradução síria, do século III e. c. (WILLKER, 2011: 15).[29]

Quando tentamos encontrar as primeiras evidências da localização da PA nas citações dos antigos Padres, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho oferecem as mais úteis informações. Ambrósio confirma sua localização no Evangelho de João, sem especificar a localização dentro deste evangelho,[30] enquanto Jerônimo e Agostinho foram específicos em localizá-la em João 7.53-8.11. Ambrósio em sua epistola 68, datada de 385-387 e. c., alegou que a PA estava localizada no Evangelho de João, sem especificar o local exato, observando também que esta passagem era bem conhecida nas comunidades cristãs da sua época. Em um trecho desta Epístola, ele falou "da mulher que no Evangelho segundo João foi trazida até Cristo acusada de adultério". Com isso é claro que Ambrósio conhecia a Perícope da Adultera no Evangelho de João. E na

---

[29] Para conhecer uma relação com comentários dos manuscritos que posicionam a Perícope da Adúltera em localizações diferentes de João 7.53-8.11, ver: WILLKER, 2011: 15s.

[30] É preciso lembrar que, nos antigos manuscritos, não se usava, tal como se usa hoje, a enumeração de capítulos e de versículos, o que aconteceu pela primeira vez na quarta edição impressa do texto grego por Stephanus em 1551 e. c. Portanto, os atuais pesquisadores de manuscritos antigos são obrigados a deduzir a localização de uma passagem identificando o contexto onde a passagem se encontra.

Epístola 64, Ambrósio disse: "Vá por teu caminho, e de agora em diante, não peques mais".[31]

Bem pouco antes de Ambrósio, Jerônimo já tinha incluído a PA em João 7.53-8.11 na sua tradução latina (Vulgata) da Bíblia, em 384 e. c. De acordo com Jerônimo, em sua época, se podia encontrar muitas cópias manuscritas, tanto gregas como latinas, cuja PA estava localizada no Evangelho de João. Entretanto, observou que não eram todos os manuscritos, que ele utilizou em sua tradução, que a incluíam. Agostinho, da mesma maneira, mencionou a inclusão da PA em João 7.53-8.11, portanto, assim como Jerônimo, observou que não eram todos os manuscritos que a incluíam. Agostinho era convicto de que a PA fazia parte dos evangelhos, por isso observou: "...alguns homens de fé superficial, ou melhor, alguns hostis à verdadeira fé, temendo, como acredito, que a liberdade de pecar impunemente seja concedida às suas esposas, removem de seus textos bíblicos o relato do perdão de nosso Senhor à adúltera" (KEITH, 2009: 210). Kurt Aland e Barbara Aland acreditaram que a PA "deve ter sido admitida em partes na tradição do evangelho grego em algum momento no segundo século, um período quando havia maior liberdade com o texto" (ALAND and ALAND, 1995: 307). Se quanto mais antigo, maior a manipulação textual, então, uma vez que, quanto mais antigo, menor o número de textos sobreviventes, será portanto difícil avaliar o tanto que os textos do Novo Testamento já estavam alterados quando das primeiras reproduções manuscritas. Pior ainda no período inicial da transmissão oral, quando a manipulação é ainda mais fácil, portanto impossível de saber o tanto que os textos memorizados foram alterados no início, quando da transcrição manuscrita.

---

[31] Última frase da Perícope da Adúltera em João 8.11.

Os textos dos primeiros versículos da PA 7.53 e 8.01-2 no Evangelho de João, apresentam semelhanças com a passagem de Lucas 21.37-8.

PA 7.53: "Então, cada um deles foi para casa, 8.01 enquanto Jesus foi para o Monte das Oliveiras. 8.02 De manhã cedo, ele veio novamente ao templo. Todas as pessoas vieram até ele, e ele se sentou e começou a ensiná-las".

Lucas 21.37: "Todo dia ele estava ensinando no templo, e à noite saia e passava a noite no Monte das Oliveiras, tal como este monte era chamado".

21.38: "E todas as pessoas levantavam cedo de manhã para ouvi-lo no templo".

Estas semelhanças podem ter sido o motivo que levou a PA ser incluída após Lucas 21.38, no manuscrito f13, ao invés de João 7.53-8.11 (WILLKER, 2011: 20).

Enfim, tanto a evidência manuscrita como a evidência patrística, confirmam que a mais antiga localização para a PA é em João 7.53-8.11. Pois, o Codex D, a Vulgata e a tradição da Antiga Latina oferecem evidências externas suficientes para esta localização, a partir dos anos 380 e. c. em diante (ver: KEITH, 2009: 120-40).

20. A Inautenticidade

As evidências externas e internas de que a PA não é uma obra original do autor do Evangelho de João, mas sim uma interpolação tardia de um copista desconhecido, são abundantes, ela está envolta em problemas históricos e literários. Bruce M. Metzger observou: "quando alguém acrescenta a esta

impressionante e diversificada lista[32] de evidência externa a consideração de que o estilo e o vocabulário da Perícope diferem notadamente do resto do Quarto Evangelho, e que ela interrompe a sequência de 7.52-8.12, o caso contra ela ser de autoria do compositor do Evangelho de João parece ser conclusiva" (METZGER, 1971: 220). A origem inautêntica para esta passagem é quase uma unanimidade entre os estudiosos (ver também EHRMAN 2006: 196; KEITH, 2009: 131 e OMANSON, 2010: 183). Ou seja, além da PA não aparecer nos mais antigos e melhores manuscritos (evidência externa), a evidência interna de que não seja obra do mesmo compositor do Evangelho de João é clara, portanto a inautenticidade pode ser atestada, tanto pela evidência externa (manuscritos antigos que não a incluem), como pela evidência interna (diferenças nas características redacionais quando comparamos com o autor do Evangelho de João). Portanto, para Bruce M. Metzger: "A evidência para a origem não joanina da Perícope da Adúltera é esmagadora" (METZGER, 1971: 119). Bart D. Ehrman também observou: "A história de Jesus e a Adúltera (João 7.53-8.11) está mergulhada em problemas literários e históricos, muitos dos quais parecem insolúveis. Em apenas dois pontos há um consenso acadêmico: a passagem originalmente não faz parte do Quarto Evangelho e apresenta uma próxima semelhança às tradições sinópticas sobre Jesus, particularmente de Lucas. Os argumentos em favor destas conclusões são esmagadores..." (EHRMAN, 2006: 197).

Portanto, para efeito de exemplo, veja abaixo uma comparação entre algumas palavras e frases

---

[32] A lista dos antigos e melhores manuscritos que omitem a Perícope da Adúltera, ver METZGER 1971: 220, bem como os que a incluem, consultar: WILLKER, 2011: 04-14).

gregas presentes na PA, que aparecem também com frequência no Evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos, para se ter uma ideia de como a PA tem muito do estilo do autor de Lucas, portanto mais uma confirmação de que seja uma interpolação.

João 8.01 - ὄρος τῶν ἐλαιῶν – oros ton elaion – Monte das Oliveiras, 4 vezes no Evangelho de Lucas

8.02 - ὄρθρου – orthrou - de manhã cedo, uma vez em Lucas e uma vez em Atos

8.02 - πᾶς ὁ λαὸς – pas o laos – todo o povo, 3 vezes em Lucas

8.02 - καθίσας – kathisas - tendo-se assentado, 4 vezes em Lucas

8.03 - οἱ γραμματεῖς καὶ οἱ φαρισαῖοι – oi grammateis kai oi farisaioi – os escribas e os fariseus, 3 vezes em Lucas

8.07 - ἐπέμενον – epimenon – continuaram, 6 vezes em Atos

8.10 - ἀνακύψας – anakupsas – se levantou, 2 vezes em Lucas

8.10 - κατέκρινεν – katekrinen – condenou, 3 vezes em Lucas

8.10 – πλην – plen – exceto, 15 vezes em Lucas[33]

8.11 - ἀπὸ τοῦ νῦν – apo tou nun – de agora em diante, 5 vezes em Lucas e uma vez em Atos[34] (WILLKER, 2011: 23).

Outras palavras preferenciais de Lucas que aparecem na PA:

---

[33] Esta palavra grega (πλην – plen) não aparece na 27ª edição de Nestlé-Aland, mas está presente, por exemplo, no texto grego utilizado para a tradução inglesa da Bíblia King James.

[34] Esta frase grega, presente na 27ª edição Nestlé-Aland, não aparece em algumas edições.

πορεύου – poreuou – vá, João 8.11
λαὸς – laos – povo – João 8.02
ἄγουσιν – agoudin – trouxeram, 8.03
ἐρωτῶντες – erotontes – interrogando, 8.07 (WILLKER, 2011: 23).

Bem, um cético poderá contestar que as mesmas palavras são habitualmente utilizadas por diferentes textos e por diferentes autores, logo é natural que as mesmas se repitam em diferentes autores. A rigor, o que se julga nestas passagens não é a escrita, mais precisamente o estilo da escrita, ou seja, o que se chama na literatura de fraseologia. Uma frase pode ser escrita através de diferentes vocabulários e de distintos estilos, ordens e sinônimos, conforme a escolha do autor, sobretudo em línguas ricas gramaticalmente e polissêmicas como o grego, o latim e o sânscrito. Portanto, cada autor tem um estilo próprio, que pode ser o emprego mais frequente de um conjunto de palavras ou de frases, conforme o seu hábito ou a sua preferência. A língua grega é rica em sinônimos e em opções no estilo de escrever, apenas a ordem habitual de construir as frases é o suficiente para perceber o estilo do autor. Como exemplo, mais adiante mostraremos, através de um cotejo, as traduções grega e as latinas de diferentes manuscritos, onde poderá ser percebido no estilo do autor como um mesmo sentido pode ser expresso através de diferentes palavras e através de distintas construções sintáticas, o que caracteriza o estilo do autor. Bem, estes são apenas alguns exemplos, outros traços poderão determinar o estilo de um autor, tal como o refinamento ou não da sua linguagem.

21. A Interrupção de um Diálogo

Outra evidência de que a PA em João 7.53-8.11 é uma interpolação é o fato de que ela interrompe um diálogo e uma pregação de Jesus. Pois se juntarmos as passagens 7.37-52 com a passagem após a PA, ou seja, de 8.12 em diante, observaremos que a sequência se encaixa muito bem, veja:

7:37 No último dia da festa, o grande dia, enquanto Jesus estava ali, ele clamou: "Quem tem sede venha a mim, 38 e beba aquele que crê em mim. Como diz a Escritura: 'Do coração do crente fluirão rios de água viva.'" 39 Agora ele disse isso sobre o Espírito, que os que cressem nele deveriam receber; pois ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não havia sido glorificado. 40 Quando ouviram essas palavras, alguns na multidão disseram: "Este é realmente o profeta." 41 Outros disseram: "Este é o Messias." Mas alguns perguntaram: "Certamente o Messias não vem da Galileia, ele vem? 42 A Escritura não diz que o Messias é descendente de Davi e vem de Belém, a aldeia onde Davi viveu?" 43 Então houve uma divisão na multidão por causa dele. 44 Alguns deles queriam prendê-lo, mas ninguém pôs as mãos nele. 45 Então os guardas do templo voltaram aos principais sacerdotes e fariseus, que lhes perguntaram: "Por que vocês não o prenderam?" 46 Os guardas responderam: "Ninguém nunca falou assim!" 47 Então os fariseus responderam: "Certamente vocês também não foram enganados? 48 Alguém das autoridades ou dos fariseus acreditou nele? 49 Mas esta multidão, que não conhece a lei, é maldita." 50 Nicodemos, que tinha ido a Jesus antes, e que era um deles, perguntou: 51 "A nossa lei não julga as pessoas sem primeiro ouvi-las para descobrir o que estão fazendo, certo?" 52 Eles responderam: "Certamente vocês também não são da Galileia? Procurem e verão que nenhum profeta surgirá

da Galileia." (omitindo a PA: 7.53 – 8.11). 8:12 Novamente Jesus falou-lhes, dizendo: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue nunca andará nas trevas, mas terá a luz da vida." 13 Então os fariseus lhe disseram: "Você está testificando em seu próprio nome; seu testemunho não é válido."

Portanto, a passagem a partir de 8.12 é uma continuação do episódio anterior em 7.37-52, por isso a PA apresenta os sinais de ser uma interpolação inserida no meio de um diálogo entre Jesus e a multidão. A frase inicial de 8.12 πάλιν οὖν αὐτοῖς ἐλάλησεν ὁ ἰησοῦς (Novamente, Jesus falou-lhes) é evidente prova de que é a continuação de uma diálogo anterior, tanto a presença do adverbio πάλιν – palin (novamente) e a frase αὐτοῖς ἐλάλησεν ὁ ἰησοῦς (Jesus falou-lhes) são evidências de que se trata da continuação de um diálogo, pois se fosse em outro contexto ou em outra circunstância, seria necessário especificar para quem Jesus falava, de modo que o pronome αὐτοῖς (para eles, lhes) não especificaria com quem Jesus estaria falando, consequentemente não caberia nesta frase. Ademais, 8.12s não pode ser a continuação da PA, uma vez que em 8.09 é mencionado que “quando eles ouviram isto, eles foram embora, um por um, começando com os mais velhos, e Jesus foi deixado sozinho...”, portanto não restou alguém com quem Jesus falar, exceto a mulher perdoada por ele. Portanto, o pronome plural no caso dativo αὐτοῖς (para eles, lhes) não faria sentido.

22. Cotejo entre o Texto Grego (NA27) e Alguns Principais Manuscritos Latinos

Da mesma maneira que os manuscritos gregos, que incluem a PA, não concordam nos textos e nas redações entre si, o mesmo acontece com os

manuscritos latinos que a incluem. Veja abaixo um esquema comparativo entre o texto grego (NA27) e quatro importantes manuscritos latinos, reproduzindo a redação de todos os versículos de cada um dos manuscritos selecionados, acompanhados de traduções, a fim de que leitor possa comparar, tanto a tradução do grego para o latim, bem como as semelhanças e as diferenças no texto e na redação na comparação de cada um deles. As diferenças se estendem desde o desacordo nas traduções para o latim, passando pela omissão ou pela interpolação de frases ou de palavras, até as pequenas diferenças na ortografia e na troca por sinônimos, estas últimas fazem a redação diferente, mas não altera o sentido. Entretanto, é preciso observar que as diferenças não são sempre na tradução ou na reprodução por erro do copista, uma vez que não conhecemos a redação dos manuscritos que estes tradutores latinos utilizavam no momento da tradução, uma visto que as traduções para o latim não foram efetuadas a partir de apenas um só manuscrito grego. Também, os tradutores latinos consultavam outras traduções anteriores, no momento da sua tradução.

Além do texto grego, alguns dos importantes manuscritos latinos cotejados aqui são:
Vulgata de Jerônimo, século IV e. c.
Manuscrito “e” (Códice Palatinus), século V e. c.;
Manuscrito “d” (Códice Cantabrigienses), século VI e. c.
Manuscrito ff2 (Códice Corbeienses), século V-VI

PA João 7.53

Texto grego da NA27: καὶ ἐπορεύθησαν ἕκαστος εἰς τὸν οἶκον αὐτοῦ (Então, cada um deles foi para casa).

Vulgata: et reuersi sunt unusquisque in domum suam (E voltaram cada um para sua casa)

Manuscrito “e”: et abierunt singuli ad domos suas (E cada um foi para suas casas)
Manuscrito “d”: et duxerunt se unusquisque in domum suam (E cada um foi para sua casa)
Manuscrito ff2: et reuersi sunt unusquisque in domum suam (E voltaram cada um para sua casa)

João 8.01
Texto grego: ἰησοῦς δὲ ἐπορεύθη εἰς τὸ ὄρος τῶν ἐλαιῶν (enquanto Jesus foi para o monte das oliveiras)
Vulgata: Iesus autem perrexit in montem oliueti (E Jesus foi ao monte do bosque de oliva)
Manuscrito “e”: Iesus autem abiit in montem oliueti (E Jesus partiu para o monte do bosque de oliva)
Manuscrito “d”: Iesus autem abiit in montem oliuarum (E Jesus partiu para o monte bosque de oliva)
Manuscrito ff2: Iesus autem ascendit in montem oliueti (E Jesus subiu ao monte do bosque de oliva)

João 8.02a
Texto grego: ὄρθρου δὲ πάλιν παρεγένετο εἰς τὸ ἱερόν (De manhã cedo, ele veio novamente ao templo)
Vulgata: et diluculo iterum uenit in templum (E de manhã cedo ele voltou ao templo)
Manuscrito “e”: deluculo autem reuersus est in templo (contudo ele retornou ao templo de manhã cedo)
Manuscrito “d”: mane autem iterum uenit in templum (Mas pela manhã ele voltou ao templo)
Manuscrito ff2: et mane cum factum esset iterum uenit in templo (E quando amanheceu, ele voltou ao templo)

João 8.02b
Texto grego: καὶ πᾶς ὁ λαὸς ἤρχετο πρὸς αὐτόν, καὶ καθίσας ἐδίδασκεν αὐτούς. (Todas as pessoas vieram até ele, e ele se sentou e começou a ensiná-las

Vulgata: et omnis populus uenit ad eum et sedens docebat eos (E todo o povo veio ter com ele, e ele assentou-se e os ensinava)
Manuscrito “e”: et omnis plebs ueniebat ad eum et sedens docebat eos (E todo o povo veio ter com ele, e ele assentou-se e os ensinava)
Manuscrito “d”: et omnis populus ueniebat ad eum (E todo o povo veio até ele)
Manuscrito ff2: et uniuersus populus conueniebant ad eum et cum consedisset docebat eos (E todo o povo se reuniu em volta dele; e, assentando-se, os ensinava)

João 8.03
Texto grego: ἄγουσιν δὲ οἱ γραμματεῖς καὶ οἱ φαρισαῖοι γυναῖκα ἐπὶ μοιχείᾳ κατειλημμένην, καὶ στήσαντες αὐτὴν ἐν μέσῳ (Os escribas e os fariseus trouxeram uma mulher que tinha sido flagrada em adultério, fazendo com que ela ficasse de pé diante de todos)
Vulgata: adducunt autem scribae et pharisaei muli erem in adulterio deprehensam et statuerunt eam in médio. (E os escribas e fariseus trouxeram uma mulher apanhada em adultério, e a puseram no meio deles)
Manuscrito “e”: et adduxerunt autem scribae et farisaei mulierem in adulterio depraehensam et cum statuissent eam in medio (E os escribas e os fariseus trouxeram uma mulher apanhada em adultério e, pondo-a no meio)
Manusc rito “d”: adducunt autem scribae et pharisaei in peccato muliere mulierem conpraehensam et statuentes eam in médio (E os escribas e fariseus trouxeram uma mulher surpreendida em pecado, e a puseram no meio deles)
Manuscrito ff2: scribae autem et pharisei adducunt ad eum mulierem in moecationem deprehensam quam cum statuissent in medio (E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; e, pondo-a no meio)

João 8.04

Texto grego: λέγουσιν αὐτῷ, διδάσκαλε, αὕτη ἡ γυνὴ κατείληπται ἐπ᾽ αὐτοφώρῳ μοιχευομένη· (Eles disseram a ele: 'mestre, esta mulher foi pega no próprio ato de cometer adultério)
Vulgata: et dixerunt ei magister haec mulier modo deprehensa est in adultério (E eles lhe disseram: "Mestre, esta mulher foi apanhada em adultério")
Manuscrito "e": dixerunt Illi magister haec mulier depraehensa est sponte moecata (Eles lhe disseram: "Mestre, esta mulher foi pega em adultério")
Manuscrito "d": dicunt illi temptantes eum sacerdotes ut haberent accusare eum magister haec mulier conpr aehensa est palam in adultério (Os sacerdotes, tentando-o, disseram-lhe: "Mestre, esta mulher foi apanhada em adultério")
Manuscrito ff2: dixerunt ad Iesum magister haec mulier deprehensa est in moecatione (Eles disseram a Jesus: "Mestre, esta mulher foi pega em adultério")

João 8.05

Texto grego: ἐν δὲ τῷ νόμῳ ἡμῖν μωϊσῆς ἐνετείλατο τὰς τοιαύτας λιθάζειν· σὺ οὖν τί λέγεις; (Agora, a Lei de Moisés nos ordena apedrejar tal mulher. Agora, o que você diz?)
Vulgata: in lege autem moses mandauit nobis huiusmodi lapidare tu ergo quid dicis (Mas na lei Moisés nos ordenou apedrejar tais pessoas. Então o que você diz?)
Manuscrito "e": in lege autem nobis moyses mandauit huiusmodi lapidare tu ergo quid dicis (Mas na lei Moisés nos ordenou apedrejar tais pessoas. Então o que você diz?)

Manuscrito “d”: moyses autem in lege praecepit tales lapidare tu autem nunc quid dicis (Ora, Moisés ordenou na lei que tais pessoas fossem apedrejadas. Mas o que dizes agora?)
Manuscrito ff2: in lege autem praecepit nobi s moyses ut qui in alturio deprehenditur lapidetur tu autem quid dicis de ea (Ora, Moisés nos ordenou na lei que todo aquele que for apanhado em traição seja apedrejado. Mas o que dizes sobre isso?)

João 8.06

Texto grego: τοῦτο δὲ ἔλεγον πειράζοντες αὐτόν, ἵνα ἔχωσιν κατηγορεῖν αὐτοῦ. ὁ δὲ ἰησοῦς κάτω κύψας τῶ δακτύλῳ κατέγραφεν εἰς τὴν γῆν (Eles disseram isto para testá-lo, de maneira que pudessem ter alguma acusação contra ele. Jesus se inclinou e escreveu com o seu dedo no chão)
Vulgata: haec autem dicebant temptantes eum ut possent accusare eum Iesus autem inclinans se deorsum digito scribebat in terra (E eles diziam isto, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. E Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra)
Manuscrito “e”: hoc enim dicebant temptantes illum ut haberent quomodo eum accusarent Iesus autem inclinato capite digito supra terram scribebat (Pois diziam isso para experimentá-lo, para que pudessem ter de que acusá-lo. Mas Jesus inclinou a cabeça e escrevia com o dedo no chão)
Manuscrito “d”: Iesus autem inclinatus digito suo scribebat in terram (E Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra.)
Manuscrito ff2: haec dicebant temptantes eum ut haberent causam adcusandi eum Iesus autem inclinato capite digito scribebat in terram (Eles diziam essas coisas, tentando-o, para que tivessem de que o acusar.

Mas Jesus, inclinando a cabeça, escrevia com o dedo no chão.)

João 8.07
Texto grego: ὡς δὲ ἐπέμενον ἐρωτῶντες αὐτόν, ἀνέκυψεν καὶ εἶπεν αὐτοῖς, ὁ ἀναμάρτητος ὑμῶν πρῶτος ἐπ᾽ αὐτὴν βαλέτω λίθον (Quando eles continuaram a questioná-lo, ele se ergueu e disse a eles: ‘que alguém entre vós que seja sem pecado, que seja o primeiro a lançar uma pedra nela’)
Vulgata: cum autem perseuerarent interrogantes eum erexit se et dixit eis qui sine peccato est uestrum primus in illam lapidem mittat (Mas, como insistissem em perguntar-lhe, ele se ergueu e disse-lhes: Aquele dentre vós que está sem pecado seja o primeiro que lhe atire uma pedra.)
Manuscrito “e”: cum ergo perseuerarent interrogantes eum adlebauit capud et dixit illis si quis uestrum sine peccato est ipse prior super illam iniciat lapidem (Então, como continuassem a perguntar, ele balançou a cabeça e disse: "Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar uma pedra nela".
Manuscito “d”: cum autem inmanerent interrogantes erexit se et dixit illis quis est sine peccato uestrum prior super eam mittat lapidem (Mas, como insistissem em perguntar-lhe, ele se levantou e disse-lhes: Qual dentre vós está sem pecado? Seja o primeiro que lhe atire uma pedra.)
Manuscrito ff2: cum autem interrogarent expectantes eum quid diceret et erexit se et dixit eis q uisque uestrum sine delicto est prior in eam lapidem iactet (Mas, quando estavam esperando para perguntar o que ele diria, ele se endireitou e disse: "Quem dentre vocês estiver sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra nela".)

João 8.08

Texto grego: καὶ πάλιν κατακύψας ἔγραφεν εἰς τὴν γῆν (E, uma vez mais, ele se inclinou e escreveu no chão.)
Vulgata: et iterum se inclinans scribebat in terra (E, abaixando-se novamente, escreveu no chão.)
Manuscrito “e”: et iterum inclinato capite supra terram scribebat (e novamente, com a cabeça baixa acima do solo, ele escreveu)
Manuscrito “d”: et iterum inclinatus digito suo scribebat in terram (E novamente, abaixando-se, ele escreveu com o dedo no chão.)
Manuscrito ff2: et iterum inclinans se de digito scribebat in terram (E novamente, abaixando-se, ele escreveu com o dedo no chão.)

João 8.09
Texto grego: οἱ δὲ ἀκούσαντες ἐξήρχοντο εἷς καθ᾽ εἷς ἀρξάμενοι ἀπὸ τῶν πρεσβυτέρων, καὶ κατελείφθη μόνος, καὶ ἡ γυνὴ ἐν μέσῳ οὖσα (Quando eles ouviram isto, eles foram embora, um por um, começando com os mais velhos, e Jesus foi deixado sozinho com a mulher em pé diante dele.)
Vulgata: audientes autem unus post unum exiebant incipientes a senioribus et remansit solus et mulier in medio stans (E os que ouviram isso foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos; e ficou só ele, e a mulher em pé no meio.)
Manuscrito “e”: illi autem cum audissent unus post unum exiebant incipientes a senioribus et relictus est Iesus solus et mulier in medio (E, ouvindo eles isto, saíram um por um, a começar pelos mais velhos. E ficou só Jesus, e a mulher no meio.)
Manuscrito “d”: unusquisque autem iudaeorum exiebant incipientes a presbyteris uti omnes exire et remansit solus et mulier in medio cum esset (Então cada um dos judeus saiu, começando pelos mais velhos, até que

todos saíram. E ele ficou sozinho, enquanto a mulher ficou no meio.)
Manuscrito ff2: illi igitur cum audissent paulatim secedebant singuli incipientes a seniori bus omnes recesserunt et relictus est solus Iesus et ecce mulier illa in medio erat (Então, quando ouviram isso, foram-se embora um por um, a começar pelos mais velhos. E todos se foram, e Jesus ficou só. E eis que a mulher estava no meio.)

João 8.10
Texto Grego: ἀνακύψας δὲ ὁ ἰησοῦς εἶπεν αὐτῇ, γύναι, ποῦ εἰσιν; οὐδείς σε κατέκρινεν; (Jesus se levantou e disse: ‘mulher, onde estão eles? Não tem alguém que a condenou?)
Vulgata: erigens autem se iesus dixit ei mulier ubi sunt nemo te condemnauit (Mas Jesus, erguendo-se, disse-lhe: Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?)
Manuscrito “e”: cum adleuasset autem capud Iesus dixit ei mulier ubi sunt nemo te iudicauit (Então Jesus levantou a cabeça e lhe disse: "Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou)?
Manuscrito “d”: erigens autem se Iesus dixit mulieri ubi sunt nemo te condemnauit (Mas Jesus, erguendo-se, perguntou à mulher: "Onde estão eles? Ninguém te condenou?)
Manuscrito ff2: cumque erexisset se Iesus dixit ad eam mulier ubi sunt qui te perduxerunt nemo te lapidauit (E, endireitando-se Jesus, perguntou à mulher: Onde estão aqueles que te trouxeram? Ninguém te apedrejou?)

João 8.11
Texto grego: ἡ δὲ εἶπεν, οὐδείς, κύριε. εἶπεν δὲ ὁ ἰησοῦς, οὐδὲ ἐγώ σε κατακρίνω· πορεύου, [καὶ] ἀπὸ τοῦ νῦν μηκέτι ἁμάρτανε (Ela disse: ‘ninguém senhor’. E

Jesus disse: ‘Nem eu a condeno, vá pelo seu caminho e, de agora em diante, não peques mais’)
Vulgata: quae dixit nemo domine dixit autem Iesus nec ego te condemnabo uade et amplius iam noli peccare (Ninguém disse: 'Senhor', mas Jesus disse: 'Nem eu te condeno. Vai e não peques mais.')
Manuscrito “e”: dixit et illa nemo domine dixit autem Iesus ad illam nec ego te iudico i et amplius noli peccare (E ela disse: "Ninguém, Senhor." E Jesus lhe disse: "Nem eu também te condeno; e não peques mais”.
Manuscrito “d”: ad illa dixit illi nemo domine ad ille dixit nec ego te condemno uade et ex hoc iam noli peccare (Ele lhe disse: "Ninguém, Senhor." E ela lhe disse: "Nem eu também te condeno; vá e não peques mais”)
Manuscrito ff2: et illa respondens dixit nemo domine dixit autem ei Iesus nec ego te damnabo uade ex hoc iam noli peccare (E ela, respondendo, disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais.

Esta é uma comparação entre manuscritos quase contemporâneos, no entanto, à medida que consultamos manuscritos mais tardios, o número de diferenças aumenta, em relação aos manuscritos mais antigos, pois a tendência era cada vez mais alterar, ao invés de preservar. Se consultarmos manuscritos, tantos gregos como latinos, a partir o século IX e. c., por exemplo, encontraremos mais divergências do que entre os manuscritos anteriores ao século VII e. c., exceto aqueles que foram copiados a partir dos manuscritos mais antigos, no entanto alguns desses últimos não sobreviveram até os dias de hoje ou sobreviveram apenas em fragmentos, sobretudo os escritos em papiros.

23. Análise

Bem, após ler este estudo, um cristão poderá observar que a Crítica Textual não é suficiente para anular a fé na Bíblia, uma vez que o número de pequenas e insignificantes diferenças textuais e redacionais é abundantemente maior do que as poucas diferenças significativas e comprometedoras. Estritamente falando, o problema na credibilidade textual da Bíblia não está na enorme quantidade de divergências insignificantes, tais como, pequenos erros ortográficos, ordens de frases diferentes que não alteram o sentido, emprego de sinônimos, abreviaturas, acréscimos de palavras que melhoram o entendimento, diferenças na pontuação, etc., mas sim na gravidade de passagens onde o sentido é alterado através de acréscimos, de omissões e de mudanças textuais e redacionais que comprometem o entendimento do leitor, quer involuntariamente ou voluntariamente. Uma simples interpolação comprometedora causa mais efeito deturpador do que centenas de pequenas alteração involuntárias, as mais perigosas são as alterações e as interpolações intencionais, sobretudo as com propósito ideológico. A própria interpolação de uma passagem longa como a PA nos evangelhos levanta a suspeita de quantas outras interpolações tardias não estavam presentes nos manuscritos autógrafos, bem como quantas outras interpolações inautênticas poderiam ter sido inseridas nos textos, na época na qual as narrativas eram apenas memorizadas durante o período de transmissão oral sobre os ditos e os feitos de Jesus, antes da passagem para a forma escrita. De modo que, ninguém é capaz de dizer com certeza o tanto que os manuscritos do Novo Testamento foram alterados posteriormente, isto só seria possível se fossem encontrados os autógrafos de cada um deles, ou seja, o

que resultaria em certeza apenas com relação aos manuscritos autógrafos, pois em relação aos ditos e atos de Jesus e dos Apóstolos, não é possível saber o quanto estes foram alterados antes da composição escrita dos originais.

Por exemplo, a ausência dos versículos finais no Evangelho de Marcos (16.09-20) nos mais antigos manuscritos, o primeiro evangelho a ser composto, deixa a suspeita de que Jesus não ressuscitou, e que a história da ressureição é uma invenção logo após a morte de Jesus, criada pelos primeiros seguidores, fim de compensar o fracasso da missão de Jesus, através de um fenômeno muito extraordinário, a ressureição e, com isso, aplacar a frustação dos Apóstolos. A ressurreição é o pilar do Cristianismo, que o sustentou do desmoronamento logo no início, pois sem o milagre da ressureição, o destino da missão de Jesus, certamente, teria o mesmo fracassado das missões de tantos outros guias judeus da Antiguidade. Enfim, a história do milagre da ressureição evitou a morte do Cristianismo recém-nascido, e uma vez que a história foi acreditada pelos primeiros cristãos, a seita prosperou institucionalmente. Mais um exemplo de como nem sempre uma religião cresce graças à realidade dos fatos, mas sim pelo poder de persuasão dos pregadores, que foram capazes de persuadir outros de que alguém poderia ressuscitar dos mortos por ser o filho de deus.

Mesmo interpolações curtas, tal como a frase “os pecado de cada um deles” inserida em João 8.08, após a passagem “E, uma vez mais, ele se inclinou e escreveu no chão” é comprometedora, uma vez que aponta para mais um milagre fantástico de Jesus, façanha a qual não é relatada na maioria dos manuscritos. Portanto, se alguém tem ou não este poder, a diferença é enorme.

Conforme o que foi informado e analisado acima, é possível perceber o tanto que a Crítica Textual é uma

incômoda pedra no sapado da Bíblia e, por extensão, em muitos outros textos sagrados de diferentes religiões antigas. Em uma época quando ainda não existiam os modernos meios de comunicação, tais como os jornais, as revistas, o rádio, a televisão e, mais recentemente, a Internet, o meio de manipular as informações era através da alteração de textos, a fim de fazer com que o público acreditasse naquilo, ou na maneira pela qual o pregador ou o escritor desejava que os ouvintes ou os leitores aceitassem. Este recurso manipulador não aconteceu somente no Cristianismo, muito mais alterações involuntárias e voluntárias são encontradas nos textos sagrados de outras religiões. Ademais, em uma época e em lugares onde de 80% a 90% da população era analfabeta, um autor e um escriba carregavam com eles uma autoridade influente na imensa população analfabeta, por isso a manipulação textual foi muito efetiva na Antiguidade e na Idade Média, sobretudo no meio religioso. Portanto, alterar textos canonizados era o instrumento mais eficaz de conduzir o entendimento do séquito para aquele entendimento que o manipulador desejava, e a Igreja soube fazer isto com sucesso no passado, por isso cresceu tanto.

O que a Crítica Textual nos leva a concluir, após a investigação das tantas alterações, interpolações e omissões, quer voluntárias ou involuntárias, bem como dos erros gramaticais e dos descuidos ortográficos, é que o Novo Testamento está longe de ser uma obra divina, mas sim uma composição exclusivamente humana, pois em tudo está presente a mão do homem e ausente a mão divina.

24. Obras Consultadas

ADLURI, Vishwa and Joydeep Bagchee. *Philology and Criticism: A Guide to Mahābhārata Textual Criticism.* London: Anthem Press, 2018.

ALAND, Kurt et al. (eds). *The Greek New Testament*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft/United Bible Societies, Fourth Revised Edition, 1998.

ALAND, Kurt and Barbara. *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

BEEKES, Robert. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden/Boston: Brill, 2010.

BOTELHO, Octavio da Cunha. *O Apogeu dos Delírios de René Guénon em "O Rei do Mundo".* Edição Eletrônica, 2022, DOI: 10.13140/RG.2.2.21415.62889

CERONE, Jacob N. and David Alan Black (eds.). *The Pericope of the Adulteress in Contemporary Research*. London: Boomsbury T&T Clark, 2016.

CHAPA, Juan. *The Early Text of John* in *The Early Text of the New Testament*, Charles E. Hill and Michael J. Kruger (eds), Oxford: Oxford University Press, 2012, pp. 140-58.

CONNOLLY, Hugh (tr.). *Didascalia Apostolorum: The Syriac Version Translated and Accompanied by the Verona Latin Fragments*. Oxford: The Clarendon Press, 1929.

DESCHNER, Karlheinz. *Historia Criminal del Cristianismo, vol. 4: La Iglesia Antigua: Falsificaciones y Engaños.* Bercelona: Ediciones Martínez Roca, 1994.

EHRMAN, Bart. D. *Studies in the Textual Criticism of the New Testament*. Leiden/Boston: Brill, 2006, pp. 196-220.

_______________ *Forged: Writing in the Name of God – Why the Bible's Authors are not who we think they are.* New York: HarperCollins e-books, 2011a.

_______________ *Forgery and Counterforgery: The Use of Literacy Deceit in Early Christian Polemics.* New York/Oxford: Oxford University Press, 2013 (Eletronic Edition).

_______________ and Zlatko Plese *The Apocryphal Gospels: Texts and Translations*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2011b.

ELLIOTT, James K. *New Testament Textual Criticism: The Application of Thoroughgoing Principles. Essays on Manuscripts and Textual Variation*. Leiden/Boston: Brill, 2010.

EPP, Eldon Jay and Gordon D. Fee. *Studies in the Theory and Method of New Testament Textual Criticism.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000.

FEE, Gordon D. *Textual Criticism of the New Testament* in *Studies in the Theory and Method of New Testament Textual Criticism.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000, pp. 03-16.

GURRY, Peter J. *The Number of Variants in the Greek New Testament: A Proposed Estimate*. Eletronic Edition, 2016, DOI: 10.1017/S0028688515000314

HILL, Charles E. and Michael J. Kruger (eds). *The Early Text of the New Testament*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HOUGHTON, H. A. G. *The Latin New Testament: A Guide to its Early History, Texts and Ma liste de anuscripts.* Oxford: Oxford University Press, 2016.

KEITH, Chris. *The Pericope Adulterae, the Gospel of John and the Literacy of Jesus*. Leiden/Boston: Brill, 2009.

____________ *The Pericope Adulterae: A Theory of Alternative Insertion* in *The Pericope of the Adulteress in*

Contemporary Research, David Alan Black and Jacob N. Cerone (eds). London: Bloomsbury T&T Clark, 2016, pp. 89-113.
MCDONALD, Lee M. *The Formation of the Biblical Canon: Volume 1: The Old Testament: Its Authority and Canonicity; Volume 2: The New Testament: Its Authority and Canonicity.* London/New York: Boomsbury T&T Clark, 2017.
METZGER, Bruce M. *Chapters in the History of the New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids 3: Wm. B. Eerdmans, 1963.
_________________ *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. London/New York: United Bible Societies, 1971.
_________________ *The Early Versions of the New Testament: Their Origin, Transmission and Limitations.* New York/Oxford: Oxford University Press, 2001.
_________________ and Bart D. Ehrman. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration.* New York/Oxford: Oxford University Press, 2005.
OMANSON, Roger L. *Variantes Textuais do Novo Testamento: Análise e Avaliação do Aparato Crítico de "O Novo Testamento Grego*". Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, pp.183-5.
PATZIA, Arthur G. *The Making of the New Testament: Origin, Collection, Text & Canon*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1995.
PUSKAS, Charlie B. and C. Michael Robbins. *An Introduction to the New Testament*. Cambridge: Lutterworth Press, 2012.
RIESENFELD, Harald. *The Gospel Tradition*. Philadelphia: Fortress Press, 1970, pp. 95-110.
SWEDE, Henry B. *An Introduction to the Old Testament in Greek: Additional Notes*. Peabody: Hendrickson Publishers, Digital Edition, 2001.

VAGANAY, Leon. *An Introduction to New Testament Textual Criticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

WHELESS, Joseph. *Forgery in Christianity: A Documented Record of the Foundation of the Christian Religion.* New York: Alfred A. Knopf, 1930.

WILLKER, Wieland. *A Textual Commentary on the Greek Gospel, vol. 4b: The Pericope de Adultera: John 7:53 – 8:11*. Bremen: Online publication, 8th edition, 2011.